

TOMADA DE TESTEMUNHO
(transcrição)

Criméia Schmidt de Almeida Danilo Carneiro

12/08/2014 – Completo

DEPOENTE:	CRIMÉIA SCHMIDT DE ALMEIDA e DANILO CARNEIRO
Categoria do depoente:	Vítimas civis e familiares
Tipo de arquivo:	Vídeo
Duração:	03:20:00
Ocasião:	Audiência Pública Guerrilha do Araguaia
Data:	12/08/2014
Local:	Brasília
Responsáveis pela tomada de depoimento:	Maria Rita Kehl, José Paulo Cavalcanti Filho, Rosa Cardoso, Pedro Dallari, José Carlos Dias, Paulo Sérgio Pinheiro, André Sabóia
NUP:	00092.001866/2014-60
Nomes citados:	Lício Augusto Ribeiro Maciel, Thaumaturgo Sotero Vaz, Álvaro de Souza Pinheiro, José Conegundes do Nascimento, Sebastião Curió Rodrigues de Moura, Epaminondas Gomes de Oliveira, Antônio Bandeira, João Carlos Haas Sobrinho (Juca), Odílio Cruz Rosa (Cabo Rosa), Emilio Garrastazu Médici, Orlando Beckmann Geisel, Milton Tavares de Souza, Darcy Jardim de Matos, “general Junqueira”, Gilberto Airton Zenkner, Alair de Almeida Pitta, Aluizio Madruga de Moura e Souza, João Santa Cruz Sacramento, “cabo Carvalho”,

	Idyno Sardenberg Filho, Carlos Alberto Di Primio, Hugo de Andrade Abreu, Paulo Malhães, Uriburu Lobo da Cruz, José Brant Teixeira, Pedro Correa Cabral, Confúcio Danton de Paula Avelino, Wilson Brandi Romão, Flávio de Marco, “major Loureiro”, “major Caldas”, Léo Frederico Cinelli, Nilton de Albuquerque Cerqueira, Carlos Nicolau Danielli, Carlos Alberto Brilhante Ustra, Pedro Antônio Mira Grancieri, Benoni de Arruda Albernaz, Aparecido Laertes Calandra, Maurício Lopes Lima, José Duarte, Wagner da Silva Macedo, “Dr. Tulio”, “tenente Moraes”, “dr. Ricardi”, “major Otto”, Virgílio Lopes Eney, Rosa Cardoso, Paulo Evaristo Arns, Joaquim Arthur Lopes de Souza, Antônio Teodoro de Castro (Raul), José Genoino Guimarães Neto, Cilon Cunha Brum (Simão), Antônio Ermírio de Moraes, “Sitônio”, “Baiano”, Sérgio Fernando Paranhos Fleury, Paulo César Fontelles de Lima, Antônio Carlos Vasconcelos, Harry Egon Prass, Jamiro Francisco de Paula, Joaquim Calegário Filho, Joel Rodrigues de Vasconcelos, Luís Henrique Nazareno, “Martins”, Olavo Vianna Moog, Oswaldo Puglia, Otto Denis Gomes Porto, “sargento Ribeiro”, “cabo Torrezan”, Túlio Pinaud Madruga (“Meirelles”), Luiz René Silveira e Silva (Duda), Micheas Gomes de Almeida (“Zezinho”), Maria Lúcia Petit da Silva, Hélio Luiz Navarro de Magalhães, Antônio de Pádua Costa.
Locais citados:	Araguaia, base do CIE (Marabá), Casa Azul, base Xambioá, Gabinete do Exército, CISA, Cenimar, São Geraldo do Araguaia, Serra das Andorinhas, INCRA, Bico do Papagaio, DOI-CODI de São Paulo, Ibíuna, Serra das Araras, Pelotão de Investigações Criminais da Polícia do Exército, OBAN, Fazenda Fortaleza, Fazenda Rainha do Araguaia, Rede Globo, Grupo Bandeirante, Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, Estadão, Transamazônica, 22º Batalhão de Infantaria Oficial (Belém), Carolina do Maranhão, PIC (Centro Militar de Brasília).
Organizações citadas:	PCdoB, AP, PRT, Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), Ação Libertadora Nacional (ALN), Partido Comunista Brasileiro (PCB).

1 **00092_001866_2014_60 1 - Abertura 01.2 Abertura:**

2 **Pedro Dallari (Comissão Nacional da Verdade)** – Em nome da Comissão Nacional da

3 Verdade que está hoje com sua composição integral nessa Audiência Pública,

4 demonstrando a relevância que o tema tem para a Comissão. Quero saudar a presença

5 de todos e agradecer a presença deste auditório da Confederação Nacional dos

6 Trabalhadores do Comércio, o auditório do Centro Cultural do Banco do Brasil, hoje

7 funcionam as atividades da Comissão Nacional da Verdade, está em reforma, por isso é

8 que nós temos que fazer as nossas atividades fora do de lá, e agradecemos então a

9 possibilidade de usar esse auditório e a disponibilidade das pessoas de se deslocarem até

10 aqui. Então estamos presentes aqui o professor Paulo Sérgio; Dr. José Carlos Dias; Dra.

11 Rosa Cardoso; Dr. José Paulo Cavalcante; e a nossa querida Dra. Maria Rita Kehl. Ah,

12 está aqui na ponta, logo atrás do José Paulo. Portanto, todos presentes. Então participar

13 dessa audiência, que tem como objetivo fazer uma apresentação do andamento das

14 investigações que vêm sendo conduzidas pela Comissão Nacional da Verdade, acerca

15 dos mortos e desaparecidos da Guerrilha do Araguaia. A ideia dentro do planejamento

16 de audiências públicas da Comissão, tiveram início em fevereiro desse ano, nós agora

17 no dia 18 vamos completar seis meses da sequência de audiências públicas. A ideia
18 original é que essa Audiência Pública tivesse lugar em maio, mas a pedido dos
19 familiares dos familiares, ela foi adiada pelo imprevisto justamente a ocorrência do mês
20 de maio de uma audiência de acompanhamento na Corte Interamericana de Direitos
21 Humanos de São José da Costa Rica da execução da sentença em que aquela Corte
22 deliberou justamente sobre o caso da Guerrilha do Araguaia e a matéria que é objeto
23 dessa Comissão. Portanto, com o apoio houve então a transferência dessa audiência para
24 a data de hoje e ela, na verdade, se insere no contexto do conjunto de atividades de
25 investigação referente a essa situação que vem crescendo de toda atenção da Comissão
26 Nacional da Verdade. Nós temos clareza da importância, a metade, talvez até mais dos
27 desaparecidos que estão associados aos eventos do Araguaia e, portanto, a Comissão
28 não poderia deixar de dar uma importância bastante relevante para esse tema. Conforme
29 já vem sendo trabalhado com os colaboradores da Comissão, no relatório final da
30 Comissão, os membros da Comissão determinaram a existência de um capítulo
31 especialmente dedicado a esse tipo, a essa situação do Araguaia, ou seja, nós temos um
32 capítulo que trata de maneira geral, de alguns eventos que tiveram uma repercussão
33 maior, uns são mais emblemáticos, mas no caso do Araguaia houve a deliberação da
34 Comissão de criar capítulo especialmente para este caso pela relevância que ele tem.
35 Além disso, no relatório da Comissão que consistirá de dois volumes, o primeiro
36 volume será então de estruturação destes capítulos temáticos, e haverá um segundo
37 volume o congrega os perfis das vítimas mortos e desaparecidos. E que está sendo
38 preparado com muito cuidado pela Comissão Nacional da Verdade com a colaboração
39 de várias Comissões Estaduais e Municipais da Verdade que estão dando colaboração
40 no preenchimento de fichas para que haja a consolidação de informações de uma
41 maneira que seja mais completa possível e evidentemente os perfis das vítimas do
42 Araguaia, farão parte individualizadamente do Tomo 2, do Volume II do Relatório da
43 Comissão. Ainda no tocante ao Araguaia, nós, a Comissão deliberou por fazer nesses
44 meses remanescentes algumas diligências, algumas visitas ainda ou inspeções a centros
45 de graves violações de direitos humanos, assim como nós já fizemos, por exemplo, à
46 Base Aérea do Galeão. E está prevista uma diligência da Comissão à Casa Azul de
47 Marabá, a data inicialmente prevista é 19 de agosto, mas provavelmente ela ficará um
48 pouco mais para frente dada à necessidade de acertar a logística de deslocamento da
49 Comissão, das assessorias, até da imprensa para Marabá. A Casa Azul de Marabá já foi

50 objeto de enfoque em uma audiência pública realizada em São Paulo, que tratou dos
51 centros clandestinos de tortura e agora a Comissão irá *in loco* fazer uma vistoria na Casa
52 Azul de Marabá. Temos ainda prevista oitiva de depoimentos em agosto e setembro de
53 agentes da repressão que tiveram relação direta com os eventos do Araguaia, Lício
54 Augusto Maciel vai ser ouvido no Rio de Janeiro, Thaumaturgo Sotero Vaz, Álvaro de
55 Souza Pinheiro aqui em Brasília agora ao longo de mês de agosto eventualmente em
56 setembro. Para audiência de hoje, nós vamos, então, fazer uma apresentação, a cargo do
57 Secretário-Executivo André Saboia que irá então retratar o estágio das investigações
58 sobre situação do Araguaia aqui no âmbito da Comissão Nacional da Verdade. Vamos
59 ouvir também Dr. Fernando Bruno de Souza, da Comissão de Mortos e Desaparecidos
60 da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, que vai falar sobre o
61 andamento das investigações naquele âmbito. Na sequência vamos colher depoimentos
62 de familiares, vítimas e sobreviventes e temos para... está previsto dois depoimentos de
63 agentes que seria, José Conegundes do Nascimento, que ainda está prevista a
64 participação, ele não confirmou a presença, nem ausência. Então, ainda nós estamos
65 aguardando e vamos ouvir mais tarde caso venha e Sebastião Curió. Nós fomos
66 informados na tarde de ontem, estava convocado para vir aqui, pela imprensa havia
67 anunciado já a sua disponibilidade de vir prestar depoimento da Comissão. Nós fomos
68 informados pelo seu advogado na tarde de ontem que ele estava se internando no
69 Hospital das Forças Armadas aqui de Brasília para realização de exames, isso foi nos
70 comunicado às 15h de ontem. Ontem, às 20h, fomos informados pelo advogado que ele
71 havia ficado internado no Hospital das Forças Armadas em função dos exames que
72 realizou. A Comissão através dos seus advogados, nós já fizemos em outros casos,
73 inclusive a ouvi-lo nas instalações do Hospital das Forças Armadas, e a visita... Estamos
74 aguardando o contato, se isso for possível dois dos membros da Comissão vão se
75 deslocar então para colher o depoimento dele como nós já fizemos em outras
76 oportunidades com outros depoentes. Mas, enfim, ainda não temos a confirmação e no
77 final vamos ter os comentários finais dos membros da Comissão. Então, esta é a
78 sequência de nosso trabalho, que não se esgota, evidentemente, na data de hoje, mais
79 que, na data de hoje, vai ser muito importante porque permite que nós estamos
80 trabalhando de maneira concentrada neste que é um dos temas de maior relevância sem
81 dúvida nenhuma da agenda da Comissão. Antes de passar então à apresentação pelo
82 Secretário-Executivo André Saboia, do Estado da Pesquisa e do Trabalho da Comissão,

83 eu pergunto aos membros da Comissão se alguns colegas quer fazer uso da palavra?
84 Então passo a palavra ao André para que faça sua apresentação e vou sugerir a nós
85 mesmos, que nós nos sentemos ali para poder acompanhar a apresentação.

86 **00092_001866_2014_60 1 - Abertura 01.3 Abertura:**

87 **André Saboia (Secretário Executivo da Comissão Nacional da Verdade)** – Bom dia
88 a todos e a todas aqui presentes. Como o próprio Coordenador aqui falou, nós estamos
89 nesse momento elaborando um relatório final da CNV no qual está previsto entre outras
90 menções um capítulo específico, que é um relato, uma reconstrução histórica desses
91 acontecimentos. E a intenção da Comissão, os pesquisadores que vêm trabalhando com
92 esse tema é aproveitar essa oportunidade para construir juntamente com a sociedade
93 civil, com os familiares, com os sobreviventes, o que será esse relato. Então, faremos
94 aqui uma breve apresentação com o objetivo de contextualizar os acontecimentos, a
95 gente não tem a pretensão de esgotar os fatos, mas simplesmente apresentar algumas de
96 nossas pautas e algumas das atividades que a Comissão da Verdade vem realizando
97 principalmente no cumprimento do seu papel de identificação das sepulturas, dos locais,
98 das instituições relacionadas às graves violações dos direitos humanos, das autorias
99 dessas graves violações e de seus esclarecimentos das inúmeras circunstâncias das
100 mortes, das torturas, das prisões arbitrárias, dos desaparecimentos. Bom, como vocês
101 sabem, a Guerrilha do Araguaia foi um movimento armado desenvolvido pelo PCdoB,
102 na região da divisa região Bico do Papagaio, região dos Estados Pará, Maranhão e
103 Goiás, hoje Tocantins. Os primeiros militantes do PCdoB começaram a chegar na
104 região em 1966 e 67, no Sudeste do Pará e proximidades com o objetivo estratégico
105 baseado na experiência da Revolução Chinesa, de promover uma guerra popular rural,
106 com o apoio da população camponesa local que vivia conflitos diários graves. Os
107 combates do Araguaia só foram iniciados seis anos depois da chegada dos primeiros
108 militantes, quando o Exército Brasileiro, junto às Forças Armadas iniciaram o ataque
109 aos destacamentos de guerrilheiros. As Forças Armadas, como vocês sabem, realizaram
110 três operações, três grandes campanhas militares e várias operações de inteligência na
111 região. Mobilizando cerca de 10 mil homens, foi a maior mobilização de tropas desde a
112 Força Expedicionária Brasileira da Segunda Guerra Mundial. Na primeira campanha,
113 em 1972, primeira e segunda campanha não foram feitos prisioneiros, na terceira
114 campanha o Exército Brasileiro, a Marinha e a Aeronáutica, aplicando as técnicas dos
115 exércitos dos Estados Unidos e da França haviam usado contra suas guerras coloniais no

116 Vietnã e na Argélia, usou contra a população brasileira essas técnicas que resultaram o
117 extermínio de todos os prisioneiros, todos os insurgentes, quer sejam camponeses ou
118 militantes do PCdoB. Há vários registros, sejam testemunhais, alguns documentais de
119 guerrilheiros e camponeses que foram presos e levados com vida para bases militares
120 nos casos principais a base do CIE em Marabá, a Casa Azul, para a base Xambioá e
121 para outros campos de concentração de prisioneiros que ainda são menos conhecidos de
122 toda a região. O saldo, até onde se sabe, o saldo dos desaparecidos foi cerca de 70
123 pessoas entre militantes do PCdoB e camponeses. Pode ser esse número e pode ser
124 maior. Há uma dificuldade nos bancos de dados do Estado para identificar, qualificar as
125 vítimas entre a população local, a população pela falta de registros. As baixas militares
126 dessas campanhas de operações foram significativamente menores. As investigações da
127 Comissão da Verdade até o momento identificaram oito baixas militares, sejam em
128 confrontos ou em acidentes ou fogo amigo. O que mostra desde o início a
129 desproporcionalidade das forças da operação justamente de extermínio, de acerto ou
130 aniquilamento. Aqui nós temos o mapa da região, que é um pouco um mapa mais
131 didático, que é o que nós encontramos que mostra o diário de operações, as principais
132 cidades, o acampamento de guerrilheiros, as principais localidades. O combate à
133 Guerrilha do Araguaia teve um papel muito grande com a ação dos serviços de
134 informações. Que foi o Exército Brasileiro, a Aeronáutica, a Marinha que ainda não
135 tinham experiência na guerrilha rural por meio de operações de infiltração da população
136 local até o interior, entre a descoberta da Guerrilha do Araguaia, colhendo informações
137 sobre a Guerrilha que foram fundamentais para a sua terceira campanha, e resultou na
138 derrota militar da Guerrilha. As principais operações que aí estão listadas, não é? A
139 Operação Carajás, a Mesopotâmia, a Axixá e a Peixes. A Comissão da Verdade ela se
140 debruçou em um trabalho coordenado pelo assessor Daniel Lerner, se debruçou bastante
141 na pesquisa sobre a Operação Mesopotâmia, que foi desencadeada pelo Exército em
142 agosto de 1971, comandada pelo general de Brigada Antônio Bandeira de Melo que
143 então atuou com o objetivo de, na região na divisa entre Pará, Maranhão e Goiás, para
144 buscar militantes da AP, do PRT, da VAR-Palmares e da ALN. Nessas investigações foi
145 realizada a exumação aqui em Brasília do Epaminondas, líder camponês Epaminondas
146 Gomes de Oliveira, militante do PRT, foi preso em sua casa no Maranhão e trazido para
147 Brasília e morto sob tortura, sob tutela do Exército. Já os documentos da Operação
148 Mesopotâmia a gente vê como era, como estava na ordem do dia da ditadura a

149 possibilidade da inclusão de uma guerrilha rural, ou de uma Revolução Camponesa que
150 a Operação Mesopotâmia foi vista como uma espécie de uma experiência, primeira
151 experiência nessa varredura da região e nós vamos ver por esse documento qual é a
152 visão do Exército, que aquela região uma fronteira agrícola no interior do Brasil com
153 um terreno muito fértil para semear toda essa tensão, nas palavras do general Bandeira.
154 Nós temos aqui um outro documento da Operação Mesopotâmia que fala sobre as
155 prisões, instruções para que as prisões sejam realizadas de madrugada. Já a prática de
156 prisões ilegais, nós temos também os documentos do relatório que faz referência ao
157 militante Juca, o apelido de João Carlos Haas Sobrinho, depois irá ter uma importante
158 na região do Araguaia e então desaparecerá. Aqui nós temos algumas informações sobre
159 a primeira campanha iniciada em abril de 1972. Há uma certa incerteza sobre a data
160 precisa. Foi composta por dois homens pertencentes a várias unidades militares. Aí já
161 nessa primeira campanha os militares instalaram seus quartéis gerais em Marabá, em
162 Xambioá, e de lá comandaram as operações. O primeiro ataque acontece em abril/maio
163 de 1972, o resultado é a morte de Bergson Gurjão Farias e dois camponeses suspeitos de
164 colaborar com a Guerrilha que morrem nas delegacias de Xambioá, casos de falsos
165 suicídios, simulação de suicídio. Foram presos também alguns guerrilheiros nessa
166 operação e, no primeiro confronto entre guerrilheiros e militares, foi morto o cabo
167 Odílio Cruz Rosa. Essa primeira campanha, esse primeiro ataque resulta fracasso das
168 Forças Armadas, como já foi dito aqui sem experiência no combate à Guerrilha. Aqui
169 nós temos, esse é um trabalho que foi feito pela Assessoria da Comissão, pela
170 historiadora, Heloísa Starling, que é de identificação das cadeias de comando das
171 campanhas e operações de inteligência do Araguaia. O presidente, a campanha inicia
172 sob a presidência de Emílio Médici, do ministro do Exército Orlando Geisel e já na
173 primeira campanha uma importância muito grande dos Centros de Informação. Onde
174 aparece o nome de Milton Tavares de Souza, chefe do CIE, vai permanecer à frente do
175 CIE de 1969 a 1974 que, ao fim das contas, era um grande estrategista das campanhas
176 militares, baseada na subordinação direta ao Gabinete do Exército e das informações.
177 Temos aqui o subchefe do CISA e do Cenimar também envolvidos. Vários chefes
178 internacionais ligados à CIE, em Brasília e Comandos de Tropas ligados à estrutura
179 militar formal. Aí está o general Bandeira, general Darcy Jardim de Matos, em Belém,
180 general Junqueira. Comandantes também da área de informações: Gilberto Zenkner,
181 Alair Pitta, já nessa primeira campanha, o encarregado de interrogatório de militares,

182 foram convocados ou ouvidos pela CNV, Lício Maciel, Aluizio Madruga e João
183 Sacramento. Aqui nós temos umas fotos dos principais comandantes militares: Tavares
184 e Antônio Bandeira. Aqui nós temos a ficha das movimentações na carreira do Antônio
185 Bandeira. Isso é importante para dar uma contextualizada, uma prova documental, mas
186 esse tipo de informação é no máximo informação que as Forças Armadas têm fornecido
187 para a Comissão pelos seus agentes. São documentos de conotação formal, não indica
188 mais detalhes, em razão disso, nós estamos reiterando solicitações para ter acesso às
189 folhas das operações dos militares onde você tem informações mais específicas, todas as
190 missões realizadas, os elogios que receberam dos seus superiores, as condecorações que
191 receberam, as viagens que realizaram. Tendo acesso a essa documentação mais
192 detalhada, não são os arquivos secretos da Ditadura, são os arquivos burocráticos da
193 área de pessoal das Forças Armadas nós podemos alcançar um esclarecimento das
194 estruturas da repressão e ação dos seus agentes. Aí do general Bandeira, nós sabemos
195 apenas que ele era o comandante da Terceira Brigada de Infantaria em Brasília, de 7 de
196 fevereiro de 1972 a 29 de março, pela documentação formal. Não sabemos da atuação
197 dele em outros documentos entregues ao Centro de Informações de Segurança da
198 Aeronáutica, CISA. Aqui nós temos um dos comandantes de tropa da primeira
199 campanha que também vai atuar na Operação Sucuri, que é uma pessoa, agente
200 importante na repressão da Guerrilha do Araguaia, que é o Gilberto Airton Zenkner,
201 está vivendo em Brasília gozando de boa saúde, mas foi ouvido pela CNV sob o amparo
202 de um *habeas corpus*. Ele apenas reconheceu que atuou na sessão de informações da
203 Terceira Brigada de Infantaria. Quase nada mais, mas é uma figura muito importante,
204 nós temos a intenção de convocá-lo novamente, porque realmente ele aparece em vários
205 documentos. Já confessou que o CIE, da área de informações, que na verdade foi quem
206 teve o comando de fato dessas operações. Enquanto você tem essa figura formal do
207 general Bandeira fazendo um certo ritual, digamos assim, militar, um comando a cadeia
208 de comando paralelo ideal é da área de informações. Isso fica mais acentuado a partir da
209 terceira campanha. Nós temos aqui um novo agente já está desde o início que é
210 importantíssimo ele mesmo já rompeu o silêncio dos militares sobre a campanha no
211 Araguaia, Lício Augusto Maciel, que foi convocado pela CNV, não compareceu,
212 primeiro apresentou uma justificativa. A audiência foi marcada para o dia seguinte,
213 novamente não compareceu sem apresentar qualquer justificativa e como já ficou
214 combinado será convocado em breve porque tem muito que esclarecer. Aqui nós temos

215 a ficha funcional do Lício Maciel, cheio de movimentações, mas vemos que todo o
216 período, praticamente todo o período de atuação no Araguaia, ele era um efetivo do
217 Gabinete do Ministro do Exército, que foi de 1966 a 1974. Nós também solicitamos
218 mais documentação sobre ele para poder esclarecer. Mais um agente que foi ouvido pela
219 CNV, falou um pouco mais do que o Gilberto Airton Zenkner, mas não falou muita
220 coisa. Reconheceu que ele atuou na Terceira Brigada de Infantaria Motorizada e como
221 informação na Operação Sucuri durante seis meses em 1973. Nós vamos falar depois da
222 Operação Sucuri, mas a Operação Sucuri da qual a CNV ouviu outros agentes é um
223 pouco a parada estratégica e um pouco da virada da estratégica militar onde os militares,
224 de uma certa maneira, descobrem a ação guerrilheira e fazem infiltrações, uma longa
225 infiltração na população local para colher certas informações que vão subsidiar a sua
226 terceira campanha. Aqui nós temos também a ficha do Alúzio Madruga, que também só
227 apenas confirma que ele estava na Terceira Brigada de Infantaria Motorizada em
228 Brasília de abril de 1972 a janeiro de 1974. E aqui nós temos um depoimento
229 importante, um sargento que reside em Belém, prestou depoimento à CNV em
230 novembro de 2013, e reconheceu ter atuado no Araguaia durante todas as fases do
231 combate à Guerrilha. E, em 1972, foi comandante do Destacamento do São Geraldo do
232 Araguaia. Aí ele descreve a Casa Azul e testemunha a captura de vários prisioneiros que
233 depois desapareceram. A gente... acho que vamos mostrar um pouco o áudio dessa
234 oitiva para vocês terem uma ideia do que ele disse à Comissão da Verdade.

235 [Apresentação de áudio].

236 **João Santa Cruz Sacramento** – [Trecho incompreensível].

237 **Leonardo Hidaka (Comissão Nacional da Verdade)** – *Havia [trecho incompreensível]*
238 *também, mais militar preso, morto, morto em combate, exterminado. O senhor acredita*
239 *que as famílias dessas pessoas tinham o direito de sepultá-las?*

240 **João Santa Cruz Sacramento** – *Eu acredito que sim. Eu acredito que sim.* [Trecho
241 incompreensível]. *Porque, vou dizer a verdade, a única chave de tudo isso é o Curió. É*
242 *o Curió é o único, é o único que podia monitorar aqui, acolá, até porque ele tinha*
243 *acesso em tudo, ele era meu chefe. Ele tinha acesso a tudo. E já dava motivos,*
244 *entendeu? Sim. Agora me lembrei o cabo que era com ele... O cabo Carvalho, se tivesse*
245 *como encontrar e pudesse prender, ele ia prender, ele não ia matar. Entendeu? Ele ia*
246 *prender. Mas muito mesmo que foram presos e eram entregues na Casa Azul.*

247 **André Saboia (Secretário Executivo da Comissão Nacional da Verdade)** – Bom, aí
248 nós vemos o depoimento... a informação que aparece também nos depoimentos de
249 presos levados para a Casa Azul são mortos, não era uma opção, como diz o militar,
250 mantê-los presos direta ou indiretamente em outros depoimentos de militares que nós
251 vamos mostrar aqui. Nós passamos aqui para a primeira campanha, no segundo ataque
252 onde aparecem alguns novos personagens que foram ouvidos pela CNV e também são
253 relevantes pelo que expressam em termos de ideologia e doutrina das Forças Armadas
254 nesses combates. Aí nós temos o major Idyno Sardenberg, que eu vou falar sobre ele
255 depois, o major Carlos Alberto Di Primio, está vivo, mas ainda não foi ouvido, deverá
256 ser ouvido. O major Thaumaturgo Sotero Vaz, hoje general, e foi convocado para essa
257 audiência manifestou dificuldades, por residir em Manaus, foi novamente convocado
258 para a próxima semana, aqui em Brasília. Na equipe direta do combate, aparece o então
259 tenente Álvaro de Souza Pinheiro, hoje também general do Exército Brasileiro. O Idyno
260 Sardenberg foi ouvido pela CNV em novembro de 2013 e atribuiu a ele próprio a ideia
261 de combater em trajes civis, militares à paisana, uma guerra clandestina. Isso que
262 aparece em documentos, que aparecem em outros depoimentos, aparece até mesmo no
263 artigo publicado na revista norte-americana do general Álvaro de Souza Pinheiro. Ele
264 era braço direito do general Hugo Abreu e também no depoimento dele, ainda que
265 indiretamente, aparece a menção de que: “a nossa missão é combater a Guerrilha, se
266 prendesse era para entregar ao CIE.” Então entregava os guerrilheiros lá, era
267 simplesmente entregar sem dar maiores informações sobre o que acontecia. E aqui nós
268 temos a ficha dele, foi recebida também pelo Ministério da Defesa, tem uma coisa muito
269 curiosa, o andamento da informação que é justamente no período de 1965, de março de
270 1965 a julho de 1974, eles não nos forneceram informações de onde ele estava lotado.
271 Quer dizer, tem vários asteriscos, a gente sabe que ele sai do comando da 1ª Região
272 Militar em janeiro de 1965 e, em 1974, está no Estado Maior do Exército. Segundo o
273 depoimento dele, ele atuou como paraquedista nessa época toda em vários episódios da
274 repressão, mas não recebemos nenhuma informação oficial sobre a lotação desse senhor
275 que prestou depoimento à CNV. Aqui nós temos outro personagem importante também,
276 general, vivo, vive em Manaus é assessor parlamentar do Comando Militar da
277 Amazônia. É uma figura importante, é um instrutor do Exército Brasileiro, fez curso de
278 guerra na selva, no Panamá, foi instrutor no Panamá. Fez um curso de chefe de
279 Inteligência no Panamá, atuou como paraquedista, foi laureado com a Medalha de

280 Pacificador em 1969, recebeu condecorações do Exército Norte-Americano. Depois de
281 receber a sua instrução e atuar como instrutor na Escola das Américas no Panamá, ele
282 foi instrutor no Forte do Leme, no Centro de Estudos de Pessoal no Leme onde foi
283 adestrado entre outros militares, como o Paulo Malhães. Ele foi instrutor no Centro de
284 Treinamento na Selva, em Manaus. Centro que ele dirigiu nos anos 1980 e integrou o
285 GBT representante das Forças Armadas, em 2008 e 2009. Participou da repressão à
286 Guerrilha, esteve junto com Álvaro de Souza Pinheiro, e outros no resgate do Cabo
287 Rosa, é acusado de torturar presos políticos e prisioneiros durante a repressão. Aqui nós
288 temos a ficha de movimentação do Thaumaturgo, durante a época da Guerrilha, ele
289 estava no Centro de Instrução de Paraquedistas, da Terra Brasil, na Vila Militar no Rio
290 de Janeiro e, ao mesmo tempo que era instrutor, estava em plena atividade no Araguaia.
291 Isso então é uma informação importante até para no futuro a gente desconstruir certos
292 álibis, é bastante incompatível atuar como missão ou fazer algum curso de
293 aperfeiçoamento e estar também atuando em combate. Depois, ao final da Guerrilha, ele
294 foi para o Estado Maior do Exército, aqui em Brasília. Aqui a gente tem, no currículo
295 dele, a atuação dele como instrutor na Escola do Exército Americano do Panamá em
296 1962, ainda antes do golpe de julho de 1964. O general Thaumaturgo não pôde estar
297 presente hoje a gente tem esperança de ouvi-lo, mas nós recolhemos aqui uma
298 informação que ele deu em uma entrevista ao Jornal do Norte, hoje nós temos o original
299 desse jornal onde ele expressa a visão dele sobre a tortura, onde ele diz que deve ser
300 aproveitado o momento psicológico na prisão para ser arrancada a informação do
301 prisioneiro. Aí é uma declaração bastante reveladora da inspiração doutrinária dessas
302 operações no Araguaia. Aqui nós temos o outro general Álvaro de Souza Pinheiro que
303 combateu como tenente no Araguaia, foi ouvido pela CNV em novembro de 2013,
304 exaltou a atuação do Exército, demonstrou muito orgulho quando mostrou a sua
305 carreira, a sua atuação nas Forças Especiais do Exército. Reconheceu ter atuado em
306 1972 na Guerrilha que foi ferido. Confirmou haver estado no Araguaia por 247 dias
307 inclusive na fase decisiva dos combates. Não fez referência a mortes, esclarecimentos.
308 Fez algumas declarações sobre rendições de prisioneiros onde foi até objeto de artigo de
309 Hélio Castro, da imprensa brasileira. Reconheceu sua participação no resgate no corpo
310 do Cabo Rosa, e referiu-se ao Thaumaturgo Sotero Vaz como: “meu irmão mais velho.”
311 São dois instrutores, dois profissionais das chamadas Forças Especiais do Grupo de
312 Elite do Exército Brasileiro. Aqui nós temos a ficha de Álvaro de Souza Pinheiro, era

313 também paraquedista no mesmo centro do Thaumaturgo, no Rio de Janeiro, na época
314 que atuou na Guerrilha. E aqui nós temos uma foto que o próprio Álvaro Pinheiro
315 colocou na página do Comando Militar do Sudeste, um exercício de tiro e tem uma
316 parte do Álvaro no depoimento que também é reveladora que é esse elo assim do
317 Exército Brasileiro. Apesar desses senhores não revelarem informações sobre mortos e
318 desaparecidos, em um último momento, suas falas são sintomáticas, deixam
319 transparecer até um certo orgulho de ter atuado na campanha de extrema violência e
320 extermínio.

321 [Apresentação de áudio]

322 *Álvaro de Souza Pinheiro – Porque eu fui ferido nesse dia, sabia? Eu não vou dizer*
323 *nunca em que condições foi isso, agora eu posso lhe garantir uma coisa, isso foi*
324 *combate. Não pense você que foi trancado em um lugar, não. Eu com 10, um ou dois,*
325 *não foi assim não, entendeu? Eu não sei se vocês têm conhecimento de como é um*
326 *combate na selva, não é? Curta distância. Você quando atira, atira, não existe tiro para*
327 *ferir, não é isso? Os tiros que quando são frações, o mato cai. Você estava escondido,*
328 *deixa de estar. Isso é altamente, isso é uma coisa maravilhosa. É ou não é? Eu fico*
329 *muito feliz em ter tido essa oportunidade.*

330 **André Saboia (Secretário Executivo da Comissão Nacional da Verdade –** Ainda que
331 não tenha dado informações muito detalhadas, mas sob a circunstância da própria fala é
332 muito reveladora. Ele será ouvido novamente pela CNV, porque uma questão que não
333 foi trabalhada no depoimento, ele foi o primeiro e talvez o único militar brasileiro que
334 reconheceu em um artigo escrito, o uso do Napalm, na Serra das Andorinhas. Então a
335 gente quer ter mais informações sobre que uso foi esse, mais detalhes sobre esse
336 ferimento, esses documentos. Seguindo um pouco para a segunda campanha, aí
337 começam a atuar mais diretamente o Comando Militar do Planalto, Comando Militar da
338 Amazônia, Tropa de Guarda do Exército, Fuzileiros Navais da Aeronáutica e as
339 campanhas militares começam a ter um componente mais forte que é o chamado Ação
340 Civil Social. Um componente das doutrinas contra insurgentes, que é ensinado nas
341 Escola das Américas, também nas doutrinas francesas. Nessa operação houve baixas
342 militares, também baixas de guerrilheiros, aqui nós temos algumas informações
343 complementares como o nome de um capitão de corveta Uriburu Lobo da Cruz,
344 comandante da Força de Fuzileiros Navais. Ele também prestou depoimento à CNV,

345 está sendo analisado o depoimento dele. Não trouxe, realmente ele está muito idoso e
346 tem dificuldades de memória sobre vários fatos. Mas nós temos documentos aqui da
347 Operação Papagaio, já na Operação Papagaio já se falava da operação de limpeza da
348 área. Limpeza da área de combate. Já era um jargão utilizado e vai aparecer com mais
349 força em outros momentos. Podem ver. Nós temos aqui também outro documento, na
350 Operação Papagaio, isso já é antes da terceira campanha e já se fala em eliminar os
351 terroristas que atuam naquela região, eliminando-os ou aprisionando-os. Ali já a
352 primeira opção é eliminar, a segunda opção aprisionando. Esse é um documento dos
353 Fuzileiros Navais, o documento conhecido. Então depois desses reverses há algumas
354 normas militares à Operação Sucuri, a operação de inteligência, vários militares
355 disfarçados de funcionários do INCRA, de posseiros da região, eles fazem esses
356 trabalhos de infiltração na população local, um trabalho muito amplo, recolhendo as
357 informações que serão utilizadas na terceira campanha. Nós vemos aqui já aparece o
358 Curió, o Brant Teixeira, na Operação Sucuri. Esse comandante já vem de antes e, no
359 mês passado, a Comissão da Verdade ouviu quatro agentes da Operação Sucuri, nós
360 convocamos seis, mas só quatro compareceram. Todos confirmaram sua atuação, que
361 usavam identidades falsas, periodicamente iam a São Geraldo fazer relatório das
362 informações que haviam levantado. Todos eles receberam Medalha do Pacificador com
363 Palma, das mais altas distinções do Exército Brasileiro e vários deles, na sua trajetória,
364 depois de atuar no Araguaia, onde estavam na Brigada de Infantaria em Brasília. Na
365 volta do Araguaia iam para o CIE e para o SNI. Todos fizeram esse trajeto. Gabinete,
366 depois para o Exército e, então, Presidência da República. Que mostrou que a sua
367 atuação no Araguaia foi recompensada dentro de carreira militar. Isso é uma coisa que
368 se observa tendo até mais ênfase do que militares que combateram à guerrilha urbana.
369 Alguns deles sofreram algum tipo de estigmatização dentro das Forças, mas, no caso do
370 Araguaia, pode ir até lá e chegar à presidência. Bom, aqui nós vamos para a terceira
371 campanha que já foi falada. O Comando de fato quem fez foi o Milton Tavares de
372 Souza, do Gabinete do Ministro do Exército em Brasília, aplicando todas as técnicas das
373 guerras coloniais, citadas pelos franceses, pelos norte-americanos. E aqui nós
374 escolhemos uma frase do livro *Dos Filhos deste solo*, de Mario Miranda e Carlos
375 Tibúrcio, que eu acho que ilustra bem o que foi a terceira campanha: “a terceira
376 campanha das Forças Armadas contra a Guerrilha foi uma verdadeira caçada. Nenhuma
377 lei, nenhum princípio, nada foi respeitado. Todos os guerrilheiros presos no decorrer da

378 terceira campanha foram mortos sob tortura ou simplesmente fuzilados.” Sobre essa
379 terceira campanha, tem um depoimento importante que é do coronel aviador Pedro
380 Correia Cabral que relata que havia ordem, de Brasília, para que não ficasse ninguém
381 vivo e mais do que isso que a gente padece até hoje, é a orientação de que não se
382 deixassem vestígios de que o conflito do Araguaia um dia tivesse existido. Eles queriam
383 varrer da história, o exemplo da guerrilha rural e do Bico do Papagaio. Nós temos aqui
384 algumas informações da terceira campanha, quando no segundo semestre de 1974,
385 Milton Tavares, as operações já estavam praticamente finalizadas, foi substituído por
386 Confúcio de Paula Avelino, do CIE. Aqui nós temos alguns chefes operacionais, alguns
387 se repetem. Aparecem nomes novos, Wilson Brandi Romão, que foi Diretor Geral da
388 Polícia Federal, em 1990, o tenente-coronel Flávio de Marco, o major Loureiro, do CIE,
389 o major Caldas, o Frederico Cinelli que foi convocado para esta audiência, mas não foi
390 localizado. Ele vive entre Brasília e Rio de Janeiro, não estava em Brasília. Já é a
391 segunda convocação, não é localizado. O tenente Brant Teixeira, outros nomes
392 aparecem aqui Nilton Cerqueira, que foi ouvido duas vezes pela CNV. Aqui nós temos
393 algumas fotos desses personagens. Personagens de hierarquia inferior na época é o
394 Cinelli, Idyno Sardenberg, Lício, José Brant Teixeira, Sebastião Curió, estão todos
395 vivos. José Brant Teixeira foi convocado já duas vezes pela Comissão da Verdade, mas
396 apresentou atestado que estaria muito doente. Mas nós tentaremos uma oitiva domiciliar
397 com ele. Tem mais um documento da Operação Marajoara, que confirma orientação
398 para usar trajes civis. E, por fim o depoimento de Nilton Cerqueira, onde também
399 indiretamente diz que permaneceu na região do Araguaia até resolver a situação. Ele
400 disse isso, segundo os assessores que o ouviram ele disse isso com certa malícia. Aí a
401 gente tem um áudio, uma fala também reveladora de hoje, também general reformado,
402 Nilton Cerqueira. Vai ser mostrada depois. Nós estamos esperando receber o arquivo
403 em áudio recortado, a gente exhibe depois o áudio dele. Problema técnico. Bom, esses
404 são os elementos que a gente quer trazer para cumprir com a contextualização da
405 questão do trabalho da CNV, da identificação das sepulturas, das autorias, contexto das
406 operações militares, e operações de campo também operações onde já tem um trabalho
407 prestes a ser finalizado. As vítimas de cada operação militar. Até eu gostaria de chamar
408 os colegas da Secretaria de Direitos Humanos que vão fazer uma apresentação também
409 sobre a sistematização de informações sobre mortes e circunstâncias de mortes e

410 desaparecimentos no Araguaia, que estão trabalhando em parceria com a Comissão
411 Nacional da Verdade para o Relatório, e para compor o Relatório perfeito das vítimas.

412 **00092_001866_2014_60 1 - 2 – Criméia e Maria Eliane - 04 Criméia Schmidt**

413 **Criméia Schmidt de Almeida** – Eu anotei alguns pontos para eu não me perder, pelo
414 menos nos pontos mais importantes. A minha saída do Araguaia foi 20 de agosto de
415 1972, ou seja, a Guerrilha tinha começado em abril, já há alguns meses a Guerrilha.
416 Antes eu fiquei lá durante quatro anos, eu cheguei em janeiro de 1969. A minha saída
417 teve como motivo principal restabelecer o contato dos dirigentes do partido na Guerrilha
418 e do Comitê Central do partido. Tanto que, depois de chegar em São Paulo, ainda voltei
419 mais duas vezes à Guerrilha do Araguaia, quando finalmente, em dezembro de 1972, eu
420 fui presa. O outro motivo também que eu vim é que eu estava grávida, início de uma
421 gravidez, então tanto que eu vinha fazer os contatos, mas voltava para São Paulo, para
422 aqueles que ficam em São Paulo. No dia 28 de dezembro de 1972, minha irmã, meu
423 cunhado e um dirigente do partido, Carlos Nicolau Danielli, foram presos pela operação
424 DOI-CODI ou Bandeirantes. No dia seguinte, eu fui presa com meus dois sobrinhos de
425 quase cinco anos. Nesse momento eu me identifiquei com um nome falso que eu usava,
426 que era Alice Pereira, e como empregada, como babá de meus dois sobrinhos. E como
427 tal não fui torturada, eu fiquei num alojamento que tinha lá no OBAN que era um
428 alojamento de soldados. Mas quando teve, e nesse meio tempo eles interrogavam minha
429 irmã e meu cunhado para saber onde estava a Criméia. E, quando descobriram a minha
430 identidade verdadeira, aí começou a tortura, porque na verdade isso teria sido meu
431 disfarce, eu acho que foi muita incompetência deles, porque eu havia sido presa em
432 1968, no Congresso de Ibúna, então eles tinham fotos, fichas, tudo bem que a gente
433 trocava os presos uns com os outros, os presos, mas tinha fotos. E aí quando eles me
434 identificaram que começam as torturas e os interrogatórios sobre a militância política,
435 que até então eles queriam saber de mim onde estava Criméia e quem era o Carlos
436 Nicolau Danielli. E eu não reconhecia nenhum dos dois pelas fotos, e então eles me
437 levaram a ver o Carlos Nicolau Danielli já moribundo na sala de tortura que ficava no
438 andar térreo, debaixo da escada do DOI-CODI. Quando eu fui vê-lo, ele estava
439 consciente e saía uma espuma sanguinolenta pelo nariz, pela boca, e logo em seguida,
440 uma outra presa me disse que havia saído morto. Eu creio que esse dia foi no dia 30 por
441 aí, eu ainda não havia sido identificada. Quando eles me identificaram como Criméia, aí
442 eu passei a ser isolada mesmo dos presos, e nesse período em que eu ainda era

443 empregada doméstica eu ficava em cela separada da minha irmã, mas na delegacia.
444 Quando eles me identificaram, eu passei a ficar nesse alojamento, só, nunca mais fiquei
445 com ninguém na cela. E todos, porque o primeiro que me espancou foi o major Carlos
446 Alberto Brilhante Ustra, no dia que eu fui identificada. E a partir daí, todos os policiais,
447 todos os militares, inclusive o carcereiro me torturava. Um espancamento com murro,
448 com qualquer coisa, sem interrogar, interrogando. O que é que aconteceu quando eu
449 percebi que tinha sido identificada, um militar chamado Grancieri, qualquer coisa assim
450 que identificou depois, a gente chamava ele de marujo, qualquer coisa, porque ele tinha
451 uma âncora tatuada no braço, ele me perguntou o que eu sabia do ME, no Movimento
452 Estudantil de Ibúna. E aí de madrugada minha irmã foi torturada e eles só me
453 espancaram um pouco, mas quando amanheceu e o Ustra chegou, ele já veio xingando
454 no portão e ele entrou onde eu estava e agarrou-me pelos cabelos e começou a me
455 espancar até a salinha de baixo da tortura, no andar térreo. Pouco depois eu perdi a
456 consciência.

457 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – E quem fez isso? O Ustra?

458 **Criméia Schmidt de Almeida** – Major Carlos Alberto. Naquela época para mim, ele
459 era só um comandante, depois que eu fiquei sabendo o nome dele. Quando eu cheguei
460 nessa sala de tortura, que eu acordei nessa sala de tortura, eu estava urinada, evacuada, e
461 tinha um militar do meu lado se fazendo papel de bonzinho, se chamava Albernaz,
462 dizendo que se eu falasse tudo, tudo bem, porque o comandante estava com muita raiva
463 de mim. Esse Albernaz também me torturou depois, ele era bonzinho naquele dia, mas
464 depois era o diabo. Eu não me lembro se foi nesse mesmo dia, porque a partir daí as
465 coisas ficam confusas para mim.

466 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – O Calandra estava lá nessa
467 oportunidade?

468 **Criméia Schmidt de Almeida** – Olha, devia estar, mas eu não consegui identificar, eu
469 vi poucos.

470 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – E o capitão Maurício?

471 **Criméia Schmidt de Almeida** – Pois é, não sei quem é quem, eu tenho dificuldade,
472 minha memória não é boa. E depois dessa época eu passei a andar encapuzada.

473 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – Quanto tempo você permaneceu
474 no DOI-CODI?

475 **Criméia Schmidt de Almeida** – Até final de janeiro de 1973.

476 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – E você foi presa em agosto de
477 1972?

478 **Criméia Schmidt de Almeida** – Não, não, 29 de dezembro de 1972, fiquei 22, 23 de
479 janeiro de 1973, um mês. Mas depois que eles descobriram quem eu era, eu passei a
480 andar encapuzada. Bem, nessa altura eu já estava no sétimo mês de gravidez.

481 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – Que idade você tinha? Qual era
482 a sua idade?

483 **Criméia Schmidt de Almeida** – 26 anos.

484 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – Você estava em que mês de
485 gravidez?

486 **Criméia Schmidt de Almeida** – Sétimo. Sexto para o sétimo.

487 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – Então eles sabiam que você
488 estava grávida?

489 **Criméia Schmidt de Almeida** – Visivelmente barriguda. E eles me davam, logo que
490 eles me identificaram como Criméia, eu passei dia, noite, dia e parte da noite direto em
491 interrogatório. E é óbvio me dava cansaço e eu dormia, cochilava e era acordada com
492 choques elétricos, com espancamento. Nunca me penduraram num pau de arara, porque
493 acho que a barriga não permitia. Depois desses interrogatórios consecutivos, disseram
494 que eu ia morrer num acidente na Serra das Araras, num acidente com um carro do meu
495 cunhado, que ele teria sido apreendido, e que ele pegaria fogo. Então todas as noites eu
496 era levada para esse carro e desligava os motores, e de manhã dizia que tinha tido um
497 imprevisto, não pode provocar acidente, no entanto que eu fosse para a serra e
498 aguardasse que seria na noite seguinte, e assim era. Às vezes eram as roletas russas, só
499 que eu acho que eles me menosprezavam muito, faziam roleta russa com arma
500 automática, eles só me assustaram com o primeiro tiro, depois não assustavam mais.

501 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – Essa questão do carro, e você
502 saía do carro?

503 **Criméia Schmidt de Almeida** – Não, eu ficava dentro do pátio da OBAN, dentro do
504 carro, passava à noite aguardando o carro sair para eu sofrer o acidente. Nesse
505 alojamento, que eu acho que era um alojamento para soldados, não tinha banheiro
506 individual, então três vezes ao dia eu era levada para o banheiro, e óbvio que grávida eu
507 tinha necessidades de ir mais vezes ao banheiro, e então eu fazia no próprio alojamento,
508 até que eu consegui duas latas de conserva, uma que era o meu depósito de água e outra
509 que era o meu biombo. Então nessas três vezes que eu podia sair, eu só vomitava. Esse
510 alojamento era fechado com carpetes, com uns furinhos e eu pude ver o pátio da OBAN,
511 eu vi o pátio da OBAN. Depois, em janeiro de 1973, eu fui levada para Base Aérea de
512 Cumbica, isso eu fiquei sabendo porque na estrada eles punham capuz, mas na estrada
513 tiraram o capuz e eu vi escrito na placa. Na primeira vez disseram que não tinham
514 condições de voo e na segunda eles me levaram para Brasília. Nesse voo para Brasília,
515 iam dois outros presos, José Duarte, que era do Partido Comunista do Brasil, e Paulo
516 Wagner da Silva Macedo, que era do PCB.

517 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – Era avião da FAB?

518 **Criméia Schmidt de Almeida** – Avião da FAB, aqueles que tem o banco lateral,
519 parece que é de paraquedista. E iam os três presos, e a sensação que eu tinha é que
520 estavam todos os torturadores dentro do avião, é claro que não estavam, tinham uns que
521 ficaram trabalhando na OBAN. E inclusive o major Ustra também estava no avião.
522 Inclusive teve um incidente porque eu precisei ir ao banheiro, e o major Ustra disse que
523 eu teria que usar o banheiro com a porta aberta, para ir no banheiro do avião no ar. E eu
524 disse: se eu vou fazer, então eu me urinei no próprio banco do avião, você não pode usar
525 o banheiro com a porta aberta com os militares me olhando. Bem, Brasília, quem
526 comandava o Pelotão de Investigações Criminais da Polícia do Exército era o coronel
527 Pita. Pessoalmente ele não me torturou, mas ele queria ter conhecimento das torturas
528 que ocorreram lá, porque ele era o comandante daquilo.

529 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – Pode repetir qual o local que
530 você foi?

531 **Criméia Schmidt de Almeida** – Pelotão de Investigações Criminais da Polícia do
532 Exército, que tinha um apelido, acho que era “Forte Apache”. Enquanto eu estive lá
533 antes de ter meu filho, eu, as condições eram péssimas e *etc.*, mas eu sempre ficava
534 reivindicando alguma coisa, então pedi para tomar banho de sol, aí me puseram para
535 tomar banho de sol por volta de meio dia num pátio de cimento muito quente, descalça,
536 meus pés, fez bolhas nos pés. E bem, aí o segundo banho de sol eu já levei umas toalhas
537 para ficar em cima da toalha, na cabeça e *etc.* Mas esse era o banho de sol, os dois
538 banhos de sol que eu tomei. E fui uma vez levada para, o que eu acho que é, o
539 Ministério do Exército para ser interrogada. Eu digo que é Ministério do Exército
540 porque eu fui encapuzada, e aí eu vi pelo capuz e tinha cheiro de gasolina, ele era
541 encharcado na gasolina e depois colocado na gente. E eu comecei a sentir mal dentro do
542 carro, e como eu achava que ia morrer mesmo, mais cedo ou mais tarde, tudo bem, aí eu
543 falei assim, não vou mais ficar com esse capuz e arranquei o capuz. E eu estava em
544 frente ao Ministério da Justiça, e o policial me abaixou no banco, e logo em seguida eu
545 entrei num daqueles Ministérios, por isso que eu acho que foi Ministério do Exército na
546 época, porque todas as pessoas, que eu só via as pernas, porque com o capuz as pessoas
547 tinham as fardas e as botas. Bem, no dia 11 de fevereiro, eu... quando estava no PIC, e
548 rompeu a bolsa, eu comecei a entrar em trabalho de parto, pedi ajuda aos carcereiros e
549 *etc.*, e essa ajuda só veio por volta das 5h da manhã, e me levaram para o Hospital de
550 Base de Brasília. No Hospital de Base de Brasília quem me atendeu é o médico que se
551 diz, professor de obstetrícia da Universidade Nacional de Brasília, dizia que não era
552 militar, mas que ele não ia ficar comigo porque preso dava muito trabalho. Então, que o
553 Exército podia me levar de volta e me deixasse na enfermaria. Eu voltei e os militares
554 não me puseram na enfermaria, eu voltei para a cela, é importante dizer que essa cela,
555 ela não tem ventilação para fora, ventilação é só para um corredor interno, elas são
556 todas fechadas e com muita barata, então eu dormia todas as noites com baratas no
557 corpo, e quando rompeu a bolsa amniótica então esse número de baratas aumentou
558 bastante. Aí eu fiquei até tarde e os presos resolveram, que os meus vizinhos de cela
559 eram militares, presos comuns, traficantes, não eram presos políticos. E eles resolveram
560 que eu não iria ficar aquela coisa, que eles iam gritar bastante, e me ajudou bastante. Ou
561 seja, esses bandidos de dentro das grades eram mais humanos do que os bandidos que
562 estavam do lado de fora. Bem, aí eu fui para o hospital da guarnição, o Hospital do
563 Exército e fui internada. E quem me atendeu lá foi um psiquiatra, chamada “Dr. Túlio”.

564 Não me maltratou, mas como ele era psiquiatra, ele disse que ia chamar o obstetra, o
565 obstetra é um médico oficial do Exército, disse que eu estava em trabalho de parto, mas
566 que ele não ia fazer o parto porque ele não estava de plantão. E, na noite seguinte, ele
567 estaria de plantão e faria o parto. Eu reclamei que a criança não ia aguentar, que ia
568 morrer, ele disse: “não tem importância, é um comunista a menos”. E eu fiquei lá na
569 porta do quarto da enfermaria com a Polícia do Exército com a metralhadora na porta,
570 todo o tempo que eu permaneci ali, inclusive na sala de parto tinha uma metralhadora
571 apontada para mim. Bem, na madrugada do dia 13 meu filho nasceu, esse obstetra veio
572 fazer o parto, houve ruptura de períneo e ele fez a sutura com fio que não é indicado,
573 que o fio da sutura do períneo é o fio reabsorvível que com alguns dias o corpo que
574 absorve, e ele usou um fio, aí é uma questão bem técnica, mas eu domino, eu sou
575 enfermeira, ele usou um fio *catgut* cromado, provavelmente nº 2, pela grossura. E então
576 esses pontos não caíram, esses pontos secaram, pareciam arames dentro da minha
577 vagina, e por muito tempo isso ficou, e eu consegui ajuda de uma pessoa muito simples
578 que fazia faxina no hospital, e que escondido me trouxe um espelho e uma gilete, eu
579 tirei esses pontos. Nem todos eu consegui. Bem, como essa sutura foi feita sem
580 anestesia e sem nada, eu entrei num processo de choque, com dor. Então esse psiquiatra
581 mandou que me fizesse uma medicação que é morfina sintética, e eu não queria tomar
582 isso porque eu sabia que ia ficar chumbada, e briguei muito, você sair da mesa da
583 sintética e o cara com a metralhadora em cima de mim para me segurar, porque era uma
584 cena bem dantesca, eles me pegaram e fizeram cromatina e me chumbaram. Bem, o
585 meu filho ficou comigo no hospital por cerca de 50 dias até o dia 1º de abril. Em todo
586 esse período, mesmo na OBAN, os militares diziam que, se fosse homem, branco e
587 saudável, eles iam ficar com ele, iam ajudar. Meu filho nasceu homem, branco e
588 saudável. Aqui também em Brasília a mesma coisa, eles também diziam isso, inclusive
589 o tenente Moraes, que era responsável pela PE, ele havia acabado de ter a segunda filha.
590 A primeira nasceu quando nasceu o filho de uma outra presa política, que é o Paulo
591 Fontelles Filho. A segunda filha dele nasceu quando nasceu o meu, e ele me falou:
592 “comunista que não faz distinção entre homem e mulher, só tem filho homem, e eu que
593 queria ter um filho homem para seguir a carreira militar”. Ele disse assim: “mas tudo
594 bem, eu vou trocar minha filha com o seu filho”. E eu achava aquilo chocante, é uma
595 coisa que é o seguinte, é uma coisa muito grotesca. Bem, o meu filho ficou comigo
596 assim, desses 50 dias, ele uma hora ia para amamentar, outra hora ele não ia, eles

597 usavam meu filho para me torturar. E às vezes eles faziam ele ficar dois, três dias sem
598 vim para mamar, e ele prometia ele para o juizado de menores porque eu não
599 colaborava, voltava vomitando, voltava, enfim, quando meu filho com um mês, meu
600 filho estava pesando 2,7 quilos, e tinha crescido, era bem desnutrido. E chorava,
601 chorava de fome no começo, chorava porque ficava sem amamentar. Então esse
602 pediatra, entre o pediatra e o obstetra, eu não sei, eu lembro de um nome que era o Dr.
603 Ricardi, eu não se era obstetra ou pediatra. Esse pediatra transcreveu um tranquilizante
604 para o meu filho que chamava Luminaleta, e eu percebi que meu filho chegava
605 sonolento e muito molinho. E tinha que brigar com o pediatra, eu falei: “doutor, o meu
606 filho não é paciente de vocês, nós estamos aqui na condição de preso, não estamos na
607 condição de paciente, não aceito que dê remédio para meu filho”. Bem, depois meu
608 filho foi levado para a casa de uma tia, eu voltei para o PIC, para a cela, e aí começaram
609 propriamente dito os interrogatórios que eram sistemáticos no Brasil. Porque em
610 Brasília o que houve foi aquele negócio lá estranho lá do Ministério do Exército que me
611 levaram para essa sala e me deixaram o dia inteiro sem beber e sem comer, e sem ter
612 lugar também. E no final um oficial sempre sem identificação, me pediu desculpas
613 porque eles estavam muito ocupados e não podiam me interrogar e que eu voltasse para
614 o PIC. Aí eu disse: “mas eu estou com sede”. Ele disse: “ah, nós não temos água”. Eu
615 estava com sede, e com o capuz. E aí quando volto para o PIC, volto, aí passo a ter
616 interrogatórios regulares, e aí sempre aquelas perguntas: “onde fica o rio tal, quem que
617 você conhece”. Aquelas perguntas que eu não respondia. E tinha uma chamada sessão
618 de cinema, o que é que era a sessão de cinema, eles passavam os *slides* que era indício
619 de *slide*, com os corpos dos guerrilheiros e as cabeças cortadas. Aparecia a foto de um
620 militar da cintura para baixo segurando pelos cabelos uma cabeça cortada com o sangue
621 coagulado no pescoço. Então essas cenas da cabeça cortadas vieram mostrar todos dias,
622 e esse rolo ficava, eu acho que eram as mesmas, mas eles ficavam mostrando,
623 mostrando. Ficava um projetando os *slides* e outro na minha frente olhando as minhas
624 reações. Porque os que morreram eu não reconheci ninguém, porque os que morreram
625 na primeira campanha não eram do meu destacamento, eram do destacamento C, então
626 não conhecia. O único que eu identifiquei que não era do meu destacamento, mas que
627 eu conhecia, foi João Carlos Haas, não era cabeça cortada, era o corpo inteiro, e tinha
628 uma fratura, uma fratura completa na coxa direita, esse foi o único que eu identifiquei
629 pelos *slides*. Mas para eles não, não dava para identificar. Outra coisa também, tinha um

630 álbum de fotografias onde eles tinham assim, a Comissão Militar, quais os
631 destacamentos, quem era o comandante, quem era o chefe de grupo, quem eram os
632 guerrilheiros, e esse álbum tinha na capa escrito: álbum de interesse do major Otto. Eu
633 não vi esse major, mas tem um Otto aí nessa história, e o álbum era de interesse dele.
634 Esse álbum, em dezembro de 1973, eu fui liberada em 2 de abril de 1973. Em dezembro
635 de 1973, eu estava em Belo Horizonte e um dos militares que me levou para Belo
636 Horizonte em abril, foi lá, disse que queria me ver, foi à casa da minha tia onde eu
637 estava, queria me ver, e trouxe novamente esse álbum. E esse álbum estava mais
638 completo, tinha mais fotos. Em dezembro de 1973, já haviam matado outros que não
639 naquela época. Quando eu fui liberada, eu na verdade eu nunca fui presa, eu nunca fui
640 apresentada como presa a justiça, fui sequestrada esse tempo todo, e quando eu fui
641 liberada o general Bandeira fez uma série de ameaças de que eu iria morrer, então ele
642 falou: “pode ser suicídio, pode ser atropelamento, pode ser assalto, enfim, pode cair na
643 linha do metrô, pode ser acidente”. Ele fez várias alternativas de morte para mim, e para
644 minha tia ele disse que não deixasse eu sair de casa, porque os comunistas queriam me
645 matar. Então quando eu consegui informações sobre a minha irmã, acabei tendo
646 informações sobre a minha irmã através do Danilo que estava preso e foi solto, e passou
647 por Minas e me avisou onde minha irmã estava, etc. e tal. E quando eu consegui ter
648 contato com o advogado que era o Virgílio Eney, advogado da minha irmã, e a Rosa,
649 mas foi com o Virgílio. Eu escrevi uma carta para o Dom Paulo denunciando o general
650 Bandeira, disse que eu podia morrer. Eu dizia: “eu não tenho intenções de me suicidar,
651 se isso acontecer é obra deles”. Segundo o Hugo Stuart, esse militar que me levou o
652 álbum e me levou para Belo Horizonte é um tal de Joaquim Arthur Lopes de Souza, eu
653 não sei o nome dessa gente. Fiz a carta. Bem, é mais ou menos isso, estou à disposição
654 para as perguntas, mas é o seguinte, a perseguição que começou antes, que aliás, eu já
655 fui para Araguaia, já tinha sido presa, já tinha respondido IPM que era de 1964,
656 continuou. Então eu até, eu... se os senhores quiserem cópia, eu trouxe o meu *habeas*
657 *data*, de 1991, que não fala da minha prisão, não fala da minha estada na Guerrilha do
658 Araguaia. Como eu não consegui um único documento que fale que eu estive presa no
659 DOI-CODI, no Vale do Araguaia, eu escrevi novamente para a Subsecretaria de
660 Inteligência e pedi uma retificação do meu *habeas data*. E o agente lá, Davi, disse que
661 lamentavelmente tinha esquecido de citar minha prisão de 1972, tinha duas linhas. E
662 depois eu consegui esse negócio entrou do INFOSEG de 2001, que fala e, inclusive diz

663 o seguinte, o lugar que fala a última informação. A última informação que foi anexada a
664 esse documento, a última alteração na Unidade Federal da Bahia em 22 do 9 de 1997,
665 quase 20 anos depois da anistia. Ainda estavam anotando na minha ficha. É isso.

666 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – O seu filho foi registrado onde?

667 **Criméia Schmidt de Almeida** – Ele foi registrado em Brasília pela minha prima que
668 estava com minha tia, e com uma recomendação do médico do hospital de que eu estava
669 doente e não podia comparecer.

670 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – E as testemunhas?

671 **Criméia Schmidt de Almeida** – Minha tia, minha prima. E depois mais tarde foi feito
672 uma ação de reconhecimento de paternidade e foi acrescido o nome paterno. Porque ele
673 era desaparecido, e é confuso isso, porque é ação de paternidade contra o pai, eu não
674 podia fazer uma ação contra a vítima. Foi complexo.

675 **Pedro Dallari (Comissão Nacional da Verdade)** – Você falou sobre as condições
676 sanitárias precaríssimas que haviam, mas eu queria ouvir um pouco sobre as condições
677 de alimentação que você teve, tanto na OBAN, e depois em Brasília, porque quando
678 você foi presa, sequestrada, você já estava grávida, seu filho nasceu em Brasília. Como
679 é que era a sua alimentação, você recebia uma alimentação adequada?

680 **Criméia Schmidt de Almeida** – Olha, em São Paulo a comida não era boa, mas era
681 comida, porque no PIC era o seguinte: era arroz, feijão e legumes com casca, mal
682 cozidos, e uma vértebra de boi, que toda vez que o guarda passava aquilo pela gradinha
683 que era baixa, a minha vértebra caía no chão, e eu falei: “pega o meu ossinho que eu
684 quero comer o meu ossinho”. E vinha lá com cabelo, com terra, mas então era isso. Eu
685 não me lembro de ter comido outra coisa em Brasília que não tenha sido isso. É um
686 caldo assim, arroz, feijão e legumes com casca, abobora, chuchu. Agora no hospital era
687 uma comida normal.

688 **Pedro Dallari (Comissão Nacional da Verdade)** – Em algum momento, a
689 circunstância de você estar grávida foi levada em consideração? Inclusive que você
690 tivesse algum atendimento compatível com esse quadro?

691 **Criméia Schmidt de Almeida** – Eu acho compatível me colocar no pau de arara,
692 porque era fisicamente possível. E quando eu fui para Brasília, veio um médico do

693 Exército fardado, mas sem a etiqueta, me examinar para ver se o bebê estava vivo. Foi a
694 única vez.

695 **Pedro Dallari (Comissão Nacional da Verdade)** – Regalia vamos dizer assim que
696 você teve.

697 **Criméia Schmidt de Almeida** – É, eu não sei se é regalia, eu acho que ele queria livrar
698 a barra da turma aqui de São Paulo, estamos entregando vivo, depois, aliás, quando meu
699 filho nasceu foi feita a ficha dele lá no hospital, e como era difícil fazer os dedinhos,
700 então o pé e a foto, já nasceu fichado, devidamente fichado.

701 **Rosa Cardoso (Comissão Nacional da Verdade)** – Eu gostaria de saber, você falou aí
702 dessa degola que as pessoas ficavam penduradas como objetos. Nessas fotos que você
703 via, as pessoas degoladas, elas apareciam, após a morte elas apareciam desfiguradas já?
704 Seria mais um gesto, ou por que morreram nessa condição segundo a sua lembrança?

705 **Criméia Schmidt de Almeida** – Para mim eram cortes feitos, eu quero acreditar que
706 eram recém-mortas, espero que não tenham sido vivas. Era muito sangue, muito sangue,
707 sabe, é um negócio muito grotesco.

708 **Rosa Cardoso (Comissão Nacional da Verdade)** – Eu queria saber que ações você
709 moveu contra o estado, e contra especificamente esses torturadores, quais são as ações
710 que você tem hoje contra essas pessoas que você recorda que foi torturada?

711 **Criméia Schmidt de Almeida** – Olha, as ações são: o chamado processo que entrou
712 agora na justiça interna, que já foi transitado e julgado em 2007, mas até hoje não foi
713 executado. A ação na Corte Interamericana de Direitos Humanos, que foi julgada em
714 novembro de 2010 e que até hoje também não foi cumprida. A ação cível contra Carlos
715 Alberto Brilhante Ustra, por uma ação reparatória de que ele era o torturador, que a
716 gente ganhou a primeira instância, mas ele recorreu, está parado. Porque na justiça é
717 uma forma de não fazer justiça, é não julgar também. Então fica, no caso do processo do
718 Araguaia, nós entramos na Corte Interamericana, porque a justiça brasileira não julgava,
719 o processo era de 82, foi julgado em 2007 com todos os recursos. Teve essa ação, a
720 gente pediu ao Ministério Público para investigar os crimes do Lício Maciel, do
721 Sebastião Curió. Olha, o que eu me lembro assim, os que a gente conseguiu saber, a
722 morte de alguém está ligada a essa pessoa, porque são tão poucas as informações que a
723 gente tem. Por exemplo, uma das coisas que eu sempre coloco aqui, é a questão da

724 provável filha do Antônio Teodoro de Castro, quer dizer, a família já batalhou, já fez o
725 DNA, já conseguiu provar que há grande possibilidade dele ser pai, e o Estado não faz a
726 identificação do DNA para ser pelo menos das guerrilheiras que morreram depois que
727 essa menina nasceu. Quer dizer, eu acho que a forma como o Estado tem tratado essa
728 questão é muito cruel, no mínimo.

729 **Maria Rita Kehl** – Criméia, vou fazer uma pergunta diretamente a você. O seu filho
730 deve se lembrar desse começo de vida terrível, não conhecendo o pai.

731 **Criméia Schmidt de Almeida** – Olha, efeitos físicos, desnutrido, meu filho parecia,
732 naquela época era de África, o país da fome, ele parecia com aqueles menininhos da
733 África. Psíquica, é claro que todos nós tivemos, teve uma mãe neurótica, porque não dá
734 para ser outra coisa, certo, depois de tudo isso, você tem medo, e é claro, por exemplo,
735 meu filho detesta tudo que é governamental, desde a escola, tudo. Falou que é governo,
736 então, ele detesta. Não sei, mas a gente vive sob esse estado.

737 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – Eu quero agradecer a você, pelo
738 seu depoimento, é um capítulo importante do nosso relatório, que você transmitiu com
739 sinceridade e emoção toda a sua história. Agradecemos muito a você.

740 **Criméia Schmidt de Almeida** – Eu que agradeço a oportunidade de estar denunciando.

741

742 **00092_001866_2014_60 1 - 2 – Criméia e Maria Eliane – 06 Maria Eliane de**
743 **Castro**

744 **Maria Eliane de Castro** – Meu nome é Maria Eliane de Castro, sou irmã de Antônio
745 Teodoro de Castro, o Raul, da Guerrilha do Araguaia. Eu tinha uma diferença de idade
746 um pouco grande, eu sei hoje como ele desapareceu, como ele morreu, mas hoje eu
747 busco muito como ele viveu, porque ele saiu muito jovem de casa e hoje há uma
748 dificuldade. Quando eu encontro os amigos é que eu sei mais ou menos, não só eu, mas
749 minha família a forma que ele viveu. Bom, ele era um menino estudioso e tinha uma
750 consciência política que hoje é difícil de encontrar, não desprezando ninguém, pelo
751 amor de Deus. Mas realmente tinha uma capacidade incrível, falava vários idiomas,
752 morava bem, comia bem. E, por um ideal político, ele começou a militar no PCdoB, ele
753 fazia Universidade Federal do Ceará, e o reitor era amigo do meu pai, ele chamou meu

754 pai e falou que ele estava sendo perseguido, que era melhor tirar ele de Fortaleza. Aí ele
755 falou para o meu pai que queria ir para UFRJ que era uma Universidade muito boa e
756 que ele queria terminar Farmácia, ele fazia Farmácia e Bioquímica e foi para o Rio de
757 Janeiro em 69. Lá ele foi presidente da Casa Universitária e continua ingressando em
758 todas as campanhas contra ditadura, contra o regime rígido militar. E, como ficou com
759 muita dificuldade, ele foi para área rural. A família não sabia, o que ele contou para
760 família era que tinha ganho uma bolsa de estudo para Bélgica, e que ele ia fazer um
761 aperfeiçoamento. Lógico que meus pais ficaram muito felizes, ele era um menino muito
762 capacitado não tinha como duvidar disso. Para não ser tão contraditório chegava
763 correspondência dele de fora com carimbos, chegou um cartão do Porto Bona,
764 Alemanha que era lindo, era maravilhoso, estou passando por aqui, chegando em breve
765 e tal. E com o tempo começou a escassez de notícia, meu pai como sabia que ele
766 gostava e tinha uma ideologia muito firme, e uma consciência política muito forte
767 imaginou que ele podia está na clandestinidade. Ou que talvez ele tivesse saído do país e
768 agora não pudesse mais. Quando foi em 77, Genoíno Neto, sempre foi amigo dele em
769 Fortaleza, embora fizesse Universidade de Filosofia e ele de Farmácia. Em 77, ele foi
770 transferido para o Presídio de Paulo Sarasate, em Fortaleza. Aí meu pai chegou para
771 mim e falou: “filha, um amigo do seu irmão foi preso, não sabia onde estava nem nada,
772 só sabia que ele tinha preso, e saiu que ele estava sendo transferido para o Paulo
773 Sarasate.” Não sei se foi os pais deles que falaram, mas falou para o meu pai, mas
774 Fortaleza a gente sempre termina sabendo das coisas mais fáceis. E aí ele falou: “eu não
775 posso ir, eu não vou contar para sua mãe.” Porque minha mãe acreditava que ele estava
776 fora, nem para os seus irmãos, na época eu era casada, e estava grávida do meu primeiro
777 filho, meu sobrenome eu tinha trocado. Então tinha um filho de uma grande amiga da
778 minha sogra que falou: “faz assim, vai visitar o Osvaldo, porque ele é um jornalista e ele
779 está preso por uma reportagem, e não é nada que vá te comprometer.” Foi eu e meu ex-
780 marido. Chegando lá conversamos com Osvaldo: “a gente veio na realidade ver
781 Genoíno porque a Eliana queria saber do irmão dela”. Só que a gente já estava, isso foi
782 mês de julho, meu filho nasceu em 27 de julho, e eu já estava realmente muito grande e
783 eu pareço muito com meu irmão. E aí ele veio bem e tudo e conversando e ele olhava
784 para mim e a gente não entrava na conversa de vez, aí meu ex-marido falou assim:
785 “Genoíno, a gente está aqui na realidade para saber se o Antônio Teodoro estava na
786 Guerrilha ou se você tem notícia dele, os pais estão desesperados.” Neste momento ele

787 lembrou de mim e falou: “não vou falar nada, olha o estado na sua mulher, vai para
788 casa, eu vou sair daqui a ‘X’ tempo e a gente conversa, eu converso uma semana se
789 você quiser.” Eu falei: “eu só quero uma confirmação”. Eu disse,: “ele estava lá”?
790 “Estava”. “Qual a possibilidade dele está vivo”? “0,001, implodiram aquilo ali, no
791 Araguaia”. Eu só perguntei se ele estava na Guerrilha do Araguaia. [*Trecho*
792 *incompreensível*]. Não, eu nem falei Guerrilha, que eu não sabia que era Guerrilha,
793 perguntei se ele estava no Araguaia, “estava”. “Qual a possibilidade de estar vivo”?
794 “0,001, aquilo foi implodido”. “Possibilidade de ele ter fugido para Guianas”? “Zero”.
795 “Possibilidade de uma fuga”. “Zero”. Ele era muito determinado. Ele ia sair de um,
796 dois, três meses, foi o tempo que eu tive filho e tudo e ele foi para a casa de um grande
797 amigo da gente, o João de Paula que era um psiquiatra e esposo da Ruth, e ele foi ficar
798 na casa deles. Ali na praia de Iracema, na praia do Meireles. Aí a Ruth me ligou, e isso
799 tudo sem minha mãe saber de forma nenhuma, me ligou e falou: “Eliana, Genoíno falou
800 que você venha que ele falou que vai lhe contar tudo que ele sabe, ele não era do
801 destacamento do seu irmão, mas ele vai responder tudo que tiver de curiosidade de
802 vocês”. Aí eu fui e falei: “olha, primeiro, ele não pode falar só comigo e com meu pai?
803 Porque a gente não falou isso com ninguém”. Eu fui e fiquei um dia e meio conversando
804 como ele e ele contou como é que realmente tinha sido tudo aquilo, ele foi preso muito
805 cedo. E o que ele pode me contar, ele contou, olha, não vou dizer aqui nada que
806 comprometa, nem nada porque ele conversou comigo em caráter pessoal e quando eu
807 cheguei em casa que eu comentei com meu pai, meu pai só me fez duas observações:
808 “não julgue, não crucifique”. E foi isso que minha família fez a vida inteira. A gente
809 sempre sabe que, para sua sobrevivência você pode fazer qualquer coisa. Uma vez uma
810 amiga me falou assim, “mas quem saiu vivo entregou alguma coisa”. Pode não ser
811 verdade, porque quem morreu também pode ter entregue. Então, eu tenho respeito por
812 todos aqueles que participaram, por aqueles que conseguiram sobreviver, que eu acho
813 que é muito difícil também. Minha família tem uma mágoa profunda, agora eu estava ali
814 um jornalista perguntou: “você pediu anistia do seu irmão.” “Não”. “Por quê”? Ele não
815 merece que eu faça isso, eu não perturbo este Estado que fez isso com ele, eu não julgo
816 nenhuma entidade, de ontem eu possa talvez não julgar, mas talvez ter uma raiva muito
817 profunda, mas entidade nenhuma eu consigo esbrachar, ou condenar ou fazer qualquer
818 coisa. Porque primeiro, eu não perdoo o Estado que fez esta dor tão profunda na minha
819 família. São 43 anos. Em 93, minha mãe me chamou como eu morava em Brasília, e

820 pediu pra que eu assumisse a partir daí, me passou uma procuração legal, cartório tudo,
821 ainda assumi, estava muito jovem com filho pequeno, mas nunca deixei de ir às
822 reuniões, as coisas todas. Eu sei de que forma, não sou testemunha ocular, mas ando na
823 região, falo com as pessoas tudo. E contam em um livro que foi escrito pelo Leonêncio
824 Nossa, o *Mata!* que é escrito, que é posto neste livro que, o major que eu não gosto de
825 falar o nome, escreveu como se fosse verdade e a gente tem que crer, afinal de contas é
826 uma transposição. E então o que acontece. Ele fala nitidamente que praticou um crime
827 de guerra. O que é considerado um crime de guerra? O crime de guerra é aquele quando
828 o Estado está de posse do ser, quando o seu controle e sobre a sua proteção, e o próprio
829 Estado mata. E ele confessa nitidamente a morte dele com um tiro no peito. Então ele
830 descreve isso, e como um livro é uma transposição de um escrito, o escrito na opinião,
831 documento é uma fala escrito, a fala escrita que vira o documento passa ser uma
832 ponderada verdade. Se é uma verdade, poxa por que o Estado não está tomando uma
833 providência, seja ela qual for? Não me interessa saber se ele vai morrer, se ele vai ficar
834 preso, se ele vai apodrecer na cadeia, nada disso me interessa. Me interessa que ele seja
835 simplesmente dito como um assassino, isso para mim basta. Se parar em todos os
836 lugares que ele é um assassino, porque ele não matou só um, porque eu não luto só pelo
837 meu irmão. Quem me conhece sabe que eu luto por todos, porque eu não tenho a
838 mínima esperança do lugar onde ele matou meu irmão e deixou. Porque ele cita em uma
839 entrevista, de um Policarpo que é um outro jornalista também. Ele fala simplesmente
840 que, meu irmão estava famérico, todo rasgado, com malária, desordenado, andando pela
841 OP3... OP não sei quantos da vida, ali na Belém-Brasília, e a Polícia Rodoviária chegou
842 para falar alguma coisa com ele, ele estava totalmente desnortado, eles pegaram e
843 entregaram para um PM. Que o PM levou para esta criatura. Não sei nem se é criatura.
844 Aí simplesmente ele chegou, o Simão já estava preso há 10 dias. Raul ficou preso com
845 Simão. Ele pega Simão, Raul leva no helicóptero e diz assim: “onde a gente vai”?
846 “Vamos fazer um reconhecimento.” Reconhecimento era a senha para a morte, para
847 execução, mas eles não estavam sabendo, pega o helicóptero vão para Matrinxã, era
848 uma fazenda, para o helicóptero a 150 metros. Fazenda Diva? É uma região, de
849 Matrinxã, na Fazenda Fortaleza.

850 **José Carlos Dias** – Maria Eliana.

851 **Maria Eliane de Castro** – Oi.

852 **José Carlos Dias** – Uma pergunta, porque você não pode dizer o nome?

853 **Maria Eliane de Castro** – Me enjoa.

854 **José Carlos Dias** – Mas, nós precisamos, nós precisamos saber toda verdade.

855 **Maria Eliane de Castro** – É o infeliz do major Curió, eu não digo a patente dele hoje,
856 porque eu não considero esta patente dele.

857 **José Carlos Dias** – Tudo bem, mas é importante que você diga quem é.

858 **Maria Eliane de Castro** – Mas eu não considero esta patente dele atual, para mim ele
859 continua sendo aquele majorzinho. Então ele para, me desculpa a forma meio agressiva,
860 eu não costumo ser agressiva. Eles pararam a 150 metros da casa principal, Fazenda
861 Rainha do Araguaia, na região de Matrinxã. É um terreno de metal, de minério. Então,
862 eles pararam em uma média de 150 metros da casa grande, da casa principal. Andaram
863 uma hora e meia a leste e lá mandaram ajoelhar, ele estava amarrado pé com mão e ali
864 ele deu o primeiro tiro e o resto metralhou. Tentaram cavar para enterrar, não
865 conseguiram enterrar, que o chão era muito duro, largaram. Depois de uns três dias,
866 Zezão que é um cara da região que é da fazenda chega em uma mesa de bar e fala:
867 “poxa, Curió, como é que você mata dois subversivos e deixa lá para os bicho comer, eu
868 mandei enterrar.” “Está bom”. Aí ele e Simão são enterrados juntos nesta fazenda, que
869 até hoje não foi aberto, não foi mexido. Que eu espero, faço um pedido de clemência,
870 que não custaria nada abrir este lugar, e ver se dois pares de ossos, nem que fosse uma
871 falange para que eu desse um enterro digno para ele, e assim eu cumprir esta promessa
872 que eu fiz para minha mãe. Como se não bastasse tudo isso, Myrian Luiz é uma
873 jornalista investigativa, que vai ao Araguaia já há muito tempo. E uma época, em 2001,
874 mais ou menos por aí, ela chegou na minha casa. Eu a conheci em uma destas reuniões,
875 ela chegou em minha casa e falou assim: “Eliana você sabia que Raul deixou um filho.”
876 E eu achando uma coisa tão impossível, eu falei para ela traz que eu crio, eu tenho dois
877 filhos, agora tenho um neto, está chegando outro. A gente riu, brincou, ela ia muito ao
878 Araguaia, quando sempre ela voltava do Araguaia a primeira parada dela era na minha
879 casa sempre. Aí ela me contava: “fiz isso, falei aquilo, busquei”. “Busca lá, vê se você
880 encontra”. Quando foi em 2009, eu estou em uma ordem cronológica, se eu errar...
881 Quando foi em 2009, saiu esta reportagem, meu filho morava em Belo Horizonte, me
882 ligou 7h eu levei um susto. “Mãe calma, pega esta revista Veja e vê”, foi dia 1º de julho

883 de 2009. “Veja que está tendo uma reportagem do meu tio, você vai ficar muito
884 chocada, é muito, é muito cruel o que está falando, se minha avó fosse viva ela morria
885 aí.” Aí está bem, eu tenho uma irmã que morava na época em Curitiba, assim que ela
886 viu a reportagem, ela arrumou as malas e falou para o marido dela, estou indo buscar
887 meu irmão, porque lá falava nitidamente como era tudo. E ela começou uma busca
888 incessante que foi quando começo o GPT, foi logo depois, ela um tempo ficou sozinha
889 procurando. Aí Diva a conheceu e conversou com Jobim, Jobim para falar GPT e
890 começaram a fazer um trabalho de busca, pesquisa e tudo. E nesta busca ela passou a
891 pôr nas rádios, nos jornais que um guerrilheiro tinha deixado uma filha, um filho e se
892 alguém soubesse por favor, tal. Neste mesmo entremeio, em Belém, tinha uma garota
893 que, na época, estava com 34 anos e, quando foi crescendo, os pais explicaram para ela
894 que ela tinha deixada no Lar de Maria, que era um lar espírita em Belém, por um
895 delegado e um guarda, que disseram que ela era filha de um guerrilheiro e que eles iam
896 procurar pela família, ela tinha uns dois meses. A irmã dela, a irmã adotiva dela mais
897 nova tinha 16 anos, que conta que na época ela era muito branquinha, disse que na
898 época não tinha um lugar que não tivesse picada de mosquito, de fazer dó. Aí ela ficou
899 nesta casa por algum tempo, esperando esse delegado voltar com a família desse
900 guerrilheiro. E essa família desse guerrilheiro nunca apareceu. Os donos desta casa
901 resolveram adotar, porque ela precisava de assistência médica, precisavam estudar,
902 tudo, fizeram adoção. E todo mundo sabia desta história. Quando o jornalista recebeu
903 esta mensagem do jornal, um amigo chegou pra ela e falou: “Lia, parece muito com sua
904 história”. Aí ela falou: “Quem era o jornalista.” Aí ela falou, ela foi ao jornalista e o
905 jornalista contactou minha irmã. E aí minha irmã foi, contactou minha família toda e tal, e
906 aí a gente entrou em contato com ela, perguntou se ela toparia fazer um DNA, e mesmo
907 que ela não toparia que ela fosse conhecer a gente, que a gente queria conhecê-la. E ela
908 falou que, enquanto o pai dela fosse vivo, ela não fazia o DNA porque a mãe dela já
909 tinha morrido, ela cuidava do pai tinha consideração muito grande porque eles a
910 criaram. Os filhos já eram muito grandes, ela chegou e eles tiveram a maior
911 consideração com ela e ela teve uma educação maravilhosa, educação, mais humilde,
912 sem muito crescimento, mas uma educação muito boa. Disse a ela se ela não tivesse
913 sido roubada de nós, da família, ela teria tido as mesmas condições de estudo, mas
914 mesmas condições financeiras e tudo, socioeconômica, e tudo. Então, uns meses depois,
915 o pai dela faleceu, aí ela ligou para minha irmã em Fortaleza e minha irmã disse:

916 “venha, fique aqui comigo”. E ela parece muito com minha irmã, mas muito mesmo, de
917 você bater o olho e estranhar como as duas parecem tanto. A Myrian acha ela muito
918 parecida comigo, mas eu sou bem diferente da minha irmã. E então ela ficou seis meses
919 com minha irmã, veio para Brasília ficou três meses comigo, foi para Curitiba ficou
920 com a minha outra irmã. E aí a gente encheu de amor, porque para a gente era
921 indiferente se fosse ou não, seria de algum. Então o amor já era grande e aí a gente deu
922 toda infraestrutura para ela e começamos a, e aí ela resolveu fazer o DNA, e a gente fez.
923 Como não tem mãe e a gente não sabe quem é a mãe, eu já pedi meu advogado, Dr.
924 César Pinto. Ele já pediu isso judicialmente à Secretaria de Direitos Humanos, o DNA
925 já está lá, que compare o DNA das famílias das guerrilheiras, são doze, algumas a gente
926 tira. São poucas, não são muitas e a maioria já deu autorização legal, Lorena, Diva, as
927 irmãs das guerrilheiras já deram autorização para que isso aconteça. Está tudo lá na
928 Secretaria e até agora não foi feito isso, que é uma dor enorme para a gente, porque é
929 vida roubada. O DNA da minha família, o DNA dela e agora tem o sangue, amostra de
930 DNA de todas as famílias, das guerrilheiras, pra comparar.

931 **Pedro Dallari** – Dr. Fernando está aí? Dr. Fernando, eu queria aproveitar esta
932 oportunidade, estas reuniões são tão importantes. O que está sendo formulado é um
933 pedido bem objetivo, e se estiverem corretas estas premissas, eu acho que é algo que de
934 repente a Comissão Especial de Mortos e Desaparecidos Políticos, com esta informação
935 que está consolidada aqui nesta audiência pública. Poderia eventualmente dar um
936 encaminhamento rápido para este assunto de tal sorte que, nós pudéssemos ter uma
937 decorrência muito rápida desta iniciativa. Não sei se confere, se os elementos já haveria
938 esta possibilidade.

939 **José Carlos Dias** – Eu queria somar a pergunta, já foi feito o DNA afirmando a
940 paternidade?

941 **Maria Eliane de Castro** – Não, o seguinte. Como ela não tem mãe, o DNA da nossa
942 família foi feito por nós, sem a ajuda de ninguém, nossa família chegou e fez o DNA.
943 Não deu 99, porque não tem a parte materna e meu irmão é homem. Então o que
944 acontece, eu pedi uma...

945 **José Carlos Dias** – Qual é a conclusão do exame?

946 **Maria Eliane de Castro** – Deu 90%, o ser humano tem 21 par de alelos, 18 dão
947 positivos, os três que sobram não são negativos, a probabilidade é muito grande e isso é
948 dito pelo próprio laboratório. Agora existe o seguinte, deixa eu só concluir um
949 pouquinho para você entender.

950 **José Carlos Dias** – Comparação de feições.

951 **Maria Eliane de Castro** – Tudo, antropologicamente daria para ver sem nada.

952 **José Carlos Dias** – Existe um laudo?

953 **Maria Eliane de Castro** – Não, antropologicamente este laudo não foi feito, este laudo
954 foi feito pelo carinho nosso e pela fisionomia.

955 **José Carlos Dias** – Mas é importante que se faça isso.

956 **Maria Eliane de Castro** – Não fizemos.

957 **Pedro Dallari** – Vamos aproveitar para ouvir a Cristina, por favor.

958 **Cristina** – A Comissão através da Secretaria de Direitos Humanos, em parceria com a
959 Polícia Federal, fez a coleta de DNA de todos os irmãos do Antônio Teodoro de Castro,
960 e fez a coleta de DNA da Lia. A Polícia Federal fez então a comparação do material
961 genético e obteve o resultado então ele não pode ser conclusivo. Resultado então
962 bastante semelhante com resultado particular da família. O resultado ele não é
963 conclusivo pelas mesmas razões do resultado particular, porque nós não temos o DNA
964 da mãe. Então a Secretaria de Direitos Humanos... ela está finalizando as autorizações
965 das guerrilheiras, porque nós não podemos comparar as amostras que nós temos em
966 banco, sem autorização da família. Então, nós ainda estamos finalizando o processo de
967 solicitar as famílias que autorizem para, então, fazer as comparações com as
968 guerrilheiras e, então, poder então ter a finalização do processo para ter a conclusão do
969 processo de reconhecimento da Lia.

970 **Maria Eliane de Castro** – Mas isso poderia ser feito, e se bater com alguma pedir
971 autorização para aquela, eu não precisava saber nem minha família, que fosse feito só.

972 **Pedro Dallari** – A própria elaboração da checagem tem que ter autorização, mas pelo
973 que eu entendi já está sendo providenciado, não é isso?

974 **Maria Eliane de Castro** – Sim.

975 **Pedro Dallari** – Eu acho que a gente pode sair daqui, e aí eu peço então a colaboração
976 dos colegas que são uma parceria fundamental neste momento. A Comissão Nacional da
977 Verdade vive sobre a pressão do prazo, nosso problema dramático é que, no dia 16 de
978 dezembro nós deixamos de existir. Então nós temos uma urgência que obviamente
979 órgãos que tem uma vocação permanente não tem, mas nós saímos daqui com um
980 encaminhamento comum de dar uma atenção especial a este caso. Porque eu acho que,
981 de repente, nós podemos conseguir um resultado bastante objetivo rapidamente.

982 **Cristina** – É o que existe é a possibilidade de uma outra forma de DNA.

983 **Maria Eliane de Castro** – Eu ia fala agora, eu tenho um amigo que ele é Coordenador
984 de pós-doutorado na Inglaterra, e ele veio ao Brasil uns meses atrás, e a gente
985 conversando e eu conversando sobre isso. E ele falou que existe o DNA do cromossoma
986 X. Que como eu tenho cinco irmãs, seis comigo teria uma probabilidade muito grande.
987 Aí nós fomos procurar onde que fazia. Faz em Minas Gerais, em Belo Horizonte, mas é
988 R\$ 20.000,00, infelizmente nós não podíamos alçar com isso, com esse ônus de
989 imediato, então já resolve uma boa parte. Então ele falou que iria ver, se baixaria o
990 custo disso na Inglaterra, que estou indo lá em novembro e a gente viria exatamente se
991 faria algum milagre. Mas, se não fizesse, eu entraria na justiça aqui, para que o Estado
992 como a roubou, a sequestrou que devolva ela de uma forma lícita e justa. Porque a luta
993 do meu irmão era justa, porque ele queria um povo livre, e um povo ordenado no
994 sentido de igualdade. Então esta luta eu tenho de alma, minha família inteira tem de
995 alma, então sendo ou não sendo ela já é nossa sobrinha, então isso não tem problema
996 nenhum. Eu só queria que realmente, porque a probabilidade de uma delas serem mãe,
997 no meu ver é uma coisa até muito justa. Então eu venho pedido isso já tem quando era
998 ainda o Dipp. Mas eu espero que agora a gente confie mais, e isso realmente aconteça, e
999 que fique a contento para a gente, e para ela que teve uma vida roubada, que papai do
1000 céu não foi tão benéfico com ela no sentido de que ela teve uma filhinha e morreu de
1001 leucemia a um ano agora em novembro. Eu acho que isso seria um alento, pode não ser
1002 nada para a maioria. Mas para ela e para nós seria grandioso.

1003 **00092_001866_2014_60 1 - 2 - 3 – Danilo Carneiro – 05 Danilo Carneiro**

1004 **Danilo Carneiro** – Boa tarde a todas e a todos. Meu nome é Danilo Carneiro, sou
1005 membro do *Tortura Nunca Mais*, do Rio de Janeiro. Sobrevivente da resistência contra
1006 o capital monopolista nacional e internacional, que franqueou as ditaduras militares em
1007 todo mundo, África, América, países da Europa, em todos os países. E para falar sobre
1008 esse episódio específico do Araguaia, é preciso de colocar a minha posição de público,
1009 que nós, marxista-leninistas, anti-stalinista, normalmente não mentimos para os
1010 trabalhadores do povo. Nós achamos a anistia uma farsa, a Comissão da Anistia, uma
1011 farsa, a Comissão da Verdade, uma farsa. Respeitamos pessoas que estão aqui,
1012 representando essa comissão, na qualidade de indivíduos, de seres humanos. Eu sempre
1013 aprendi a respeitar, desde criança. Agora, não respeitamos as ideias podres que as
1014 pessoas têm sobre a sociedade, sobre os Estados, sobre os Governos, temos, nós
1015 próprios, as nossas próprias opiniões. Aqui tem muitos familiares e companheiros de
1016 luta, várias organizações que sobreviveram, e é preciso dizer, que não vai apurar nada,
1017 nunca. Só o dia que a correlação de forças mudar, como agora está mudando no mundo,
1018 em função da crise, os tribunais, da reprodução do capital, que é possível abrir uma
1019 janela na história, e que possamos fazer a revolução. E podemos colocar todos esses
1020 senhores torturadores, que cometeram crimes hediondos, serem punidos. Então, é
1021 preciso de colocar isso e contextualizar a situação em que houve a resistência no Brasil.
1022 Sem isso, as pessoas jamais entenderão que nós vivemos numa sociedade de classe, que
1023 a luta é de classe, e que a luta de classe é isso mesmo.

1024 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – Eu pediria que o senhor
1025 prestasse um depoimento sobre os fatos que o senhor foi vítima. Respeitando a sua, as
1026 suas posições, o direito que o senhor tem de se expressar, mas, o problema é que nós
1027 estamos em uma audiência pública para tomar depoimentos especificamente sobre as
1028 violações, as graves violações aos direitos humanos.

1029 **Danilo Carneiro** – Eu tenho muito respeito pela Presidência que o senhor está
1030 presidindo. Mas eu fiquei 15 anos na clandestinidade sem poder falar, eu fiquei muitos
1031 anos na prisão sem poder falar, sendo torturado durante 365 dias por ano, e chego aqui
1032 não posso falar? Porque é impossível você falar de um evento desses, sem
1033 contextualizá-lo historicamente, senão não sabe porque que não vai ter consequências,
1034 como é que eu posso afirmar, fazer uma afirmação que não vai ter purgação nenhuma,
1035 de verdade? Nós queremos, sim, construir uma Comissão da Verdade, independente do
1036 Estado da burguesia, independente da justiça da burguesia, independente do parlamento

1037 da burguesia, porque vivemos numa ditadura econômica, financeira, cuja forma de se
1038 expressar nessa ditadura econômica é parlamentar. Essa que é a realidade. Por isso
1039 que faz comissões e comissões que não se abrem os arquivos. Alguém aqui acha que o
1040 Estado vai abrir os arquivos dos crimes que eles mesmos cometeram? Eu não estou
1041 falando de vídeo de confronto, não, se você morre na luta, tudo bem. Eu estou falando é
1042 de pessoas algemadas, prisioneiros, que foram torturados e executados. Se não
1043 contextualizar isso, as pessoas que estão presentes aqui jamais vão entender esse
1044 processo. Não vão entender porque que o Estado não abre os arquivos, tem duas
1045 sentenças, como citou a companheira aí, transitado e julgado e chamam isso de Estado
1046 Democrático de Direito, que não cumpre a sentença. Como a da Solange Salgado,
1047 julgado em 2007, transitado e julgado, mas está cogitado entrar na justiça, porque não se
1048 cumpre. Então esse é que é o problema, mas, passarei a relatar, nós não somos vítimas,
1049 hein! Eu jamais fui vítima de regime militar, eu fui vítima de tortura, isso é outra coisa,
1050 prisioneiro algemado sem a mínima possibilidade de defesa, isso é crime hediondo. Aí,
1051 sim, nós fomos vítimas, mas não vítima de luta ou mesmo de prisão. Eu fui caçado,
1052 inicialmente, então, em 1964, ainda na universidade, na escola da Engenharia, na qual
1053 estudava e, a partir daí, fui para a clandestinidade. Nesse período tive todos os meus
1054 direitos de estágio proscritos. Não pude fazer estágio, sem estágio você não concluía o
1055 curso, tive que fazer o estágio na clandestinidade, recebi o diploma cinco anos depois,
1056 que eu já tinha sido caçado novamente no Rio de Janeiro, na Universidade Federal, onde
1057 estudava e fazia curso de jornalismo. E, em função das atrocidades, do golpe perpetrado
1058 pelo capital monopolista nacional e internacional, que implantou a ditadura, por isso
1059 que logo a ditadura militar era uma ditadura civil e militar financiada pelos banqueiros,
1060 pelo capital internacional, pelas multinacionais. Olha, para vocês terem uma ideia, das
1061 nossas avaliações, que fizemos, teve dois empresários que não participaram disso, que
1062 financiaram a tortura: *Rede Globo, Grupo Bandeirante, Folha de São Paulo, Jornal do*
1063 *Brasil, o Estadão*. Todas as cadeias de emissoras de rádio participaram do processo.
1064 Financiaram o processo, os únicos que nós não temos prova contundente, o Ermírio de
1065 Moraes, o Ueda, da metalúrgica. Os outros todos que foram, participaram, por isso que
1066 foi uma ditadura civil e militar. Então, a partir desse processo, que nós não tínhamos
1067 mais alternativa nas nossas militâncias, fomos obrigados a fazer uma resistência armada
1068 e fomos fazer a resistência no Araguaia. Bem, para ser conciso, não atrapalhar a ilustre
1069 Comissão da Verdade, vou ser mais objetivo. No dia 12 de abril...

1070 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – Eu quero que o senhor nos faça
1071 um favor, nos respeite, porque nós estamos dizendo que somos absolutamente
1072 democratas permitindo que o senhor ficar, inclusive, criticando a Comissão. Tudo bem,
1073 agora, eu peço ao senhor que nos trate com o respeito que nós, que nós merecemos,
1074 como cidadãos.

1075 **Danilo Carneiro** – Não posso deixar de fazer a crítica. O senhor também pode me
1076 criticar. Então, no dia 12 de abril de 72, fomos detectados pelo aparelho repressor e o
1077 comandante supremo da Guerrilha, comandante Gabrois, decidiu fazer a resistência. À
1078 meia-noite daquele mesmo dia, recebemos os companheiros, um era o companheiro do
1079 grupamento que estava fora e o outro, o companheiro que era de outro destacamento,
1080 para nos avisar que nós teríamos que mandar, recebo uma incumbência do comandante
1081 supremo, que me deu um prazo para fazer uma reflexão. Recebi uma incumbência do
1082 comandante para avisar todos os camponeses da nossa área de atuação, para que
1083 fôssemos, então, fazer a retirada. Era mais ou menos à meia-noite, o companheiro tinha
1084 deslocado o pé e, no dia posterior, o camponês pediu para ele me transitar pra uma
1085 região que eu não conhecia, e saímos diretamente em cima da tropa, na
1086 Transamazônica, errou o caminho. E, a partir exatamente desse fato, que eu pedi para
1087 ele seguir, porque ele não tinha conhecimento dessa situação, nós não tínhamos
1088 revelado quem nós éramos, nossos objetivos e que o pessoal ia voltar. E, como ele tinha
1089 família, eu, preocupado, falei: “oh, você segue em frente.” E, tentei fugir da região
1090 porque tinha três cercos, eu consegui passar por três, fui preso no quarto, eu só fui preso
1091 porque esse camponês foi preso. Então, ele até, no momento da prisão, por ter
1092 trabalhado na roça dele durante vários meses, junto com eles, fazendo colheita, ele
1093 disse: “não, esse rapaz trabalhava comigo.” E, eu fiquei quieto, eles examinaram, eu
1094 tinha jogado a mochila fora, para não ser identificado. Bem, então, eles falaram: “não,
1095 esse cara conhece, conhece o pessoal, conhece o pessoal.” Aí, me prenderam, passei 15
1096 dias como camponês, mas, no ato da minha prisão, 15 soldados do corpo da guarda, que
1097 fizeram cerco, que vieram de helicóptero e aí fui trucidado. Furaram de baioneta,
1098 rastejaram sete quilômetros e meio na Amazônia, isso porque eu era um camponês,
1099 como eles faziam. E eu já tinha detectado, quando foi esse cerco, que eles abriam os
1100 buracos, tipo lá do Vietnã, colocavam os camponeses lá e os torturavam. Mas, quando
1101 eu fui preso, estava todo arrebetado, me jogaram numa caminhonete e estava lá
1102 Sitônio, o camponês que tinha transladado comigo, todo arrebetado. Me levaram,

1103 fiquei preso na Transamazônica, chegaram a tropa de paraquedistas, me espancaram,
1104 colocaram algemado, colocavam uma bacia com água, sem alimento, sem comida, e me
1105 espancavam. Cada vez que passava uma tropa, me espancavam. E o rastejamento que eu
1106 tive, sete quilômetros e meio, em carne viva, e só com um calção, todo furado de
1107 baioneta, sangrava para todo lado, sete dentes quebrados, me fraturaram a mandíbula e
1108 isso porque eu era um camponês e faziam assim com os camponeses. Para ter
1109 informação. Me transportaram para Marabá, na Casa Azul, como foi citado aqui. Como
1110 éramos os primeiros a serem presos, o que eles queriam? Informação, eles buscavam
1111 informação com os camponeses, torturando os camponeses. Fiquei esse tempo todo em
1112 Marabá, três dias, não me deixaram comer. Porque o ódio que o capitão, que estava
1113 naquelas barreiras, que eu já tinha furado, ficou indignado, porque tinham me revistado
1114 três vezes, então, não permitia que eu comesse, comesse, ele não admitia que “um
1115 camponês” o tivesse ludibriado. Lá fui barbaramente torturado, para dar informação. A
1116 tortura era tão violenta que eles fecharam a porta do QG, porque os soldados estavam
1117 olhando, me enfiaram um cassetete deste tamanho assim, de aço, no rabo, com choque
1118 elétrico, eu já estava todo ferido. Não, tinha nenhuma condição. Me penduraram numa,
1119 numa trave, aquele sangue, aquele pus, eu desmaiado, aí eles desciam a corda e me
1120 colocavam lá. O Sargento Santa Cruz, que já apareceu aqui, que eu não sabia quem era,
1121 e resolveu nos transladar para Belém, fui junto com o Baiano. Que era o barqueiro do
1122 Rio Araguaia, que eles torturaram barbaramente, mas, no avião, não deu para conhecer,
1123 porque encapuzado. Quando eu fui colocado no 22º Batalhão de Infantaria Oficial, em
1124 Belém que eu ouvi a voz do Baiano, reconheci, ainda falei assim: “vão matá-lo.” Porque
1125 como nós usávamos o seu barco, fatalmente, se eles tivessem alguma informação,
1126 liquidavam. A partir desse momento, tinham outros prisioneiros, que eu não identifiquei
1127 quem eram. Nesse quartel, três dias depois, eles pegavam os arquivos da cidade e
1128 levavam para lá: “conhece? Conhece?” A Criméia foi identificada assim, porque
1129 levaram para lá: “quem é essa?” “É a Alice.” Aí, levaram para São Paulo e falaram:
1130 “não, você não é, você é Alice.” Entendeu? Foi uma das formas que identificaram a
1131 companheira Criméia. Bem, quando chega do Rio a minha ficha, antigamente usava
1132 aqueles papéis de computador, aquela listagem e o cara começou ler: “Atuava na fábrica
1133 tal, na fábrica tal.” Porque eu tinha tido um processo, entrei no Exército, ele nem sabiam
1134 quem eu era, porque meus pais já tinham morrido, meus irmãos, cada um morava num
1135 canto desse país, saí de casa com sete anos e meio para estudar. Nunca mais voltei, eles

1136 não tinham, eles processaram um nome. Tanto é que, na ficha, depois, que eu consegui,
1137 no DOPS, lá no Rio, quando a gente fez um acordo com o Nilo Batista para a gente
1138 consultar lá, estava lá, textualmente escrito apenas assim: “Estudante da escola de
1139 Jornalismo, caçado no Decreto 407.” Não tinha mais informação, nem podiam ter, não
1140 deixava rastro. Bem, nesse quartel, todas as noites, os caras com chicote de aço
1141 entravam na cela, uma cela de ladrilho, nu, jogavam água e me espancavam, me
1142 levavam para o fundo do quartel, amarravam pés e mãos e me arrebetaram os
1143 testículos com tanques. Eu estava numa situação tão deplorável que aquilo começou a
1144 entrar o corpo em decomposição, fedia, nem os oficiais, nem os soldados chegavam no
1145 fundo da cela, porque era um mal cheiro, estava apodrecendo, eu consegui, com um
1146 sargento assustado, que me jogasse uns chumaços de iodo. Que eu tirava o barro dos
1147 lugares onde estava ferido e colocava ali, aí dei uma melhora. Continuava torturando, o
1148 rosto todo queimado aqui, em frente, 20 oficiais-generais, que passavam filmes e fotos
1149 dia e noite para identificar as pessoas. Porque no início eles não tinham informação.
1150 Como, depois, eles sabiam que eu era um militante, que era da organização, não tinha
1151 alternativa. Dia e noite torturado para dar informação, como eu já tinha estudado no
1152 Crevinski, que é um general da contrainformação do Exército Vermelho, que fugiu na
1153 época de Stalin, eu sei o que é contrainformação, era coibir várias estratégias diante das
1154 minhas possibilidades e limitações como prisioneiro. Como eles não sabiam quais as
1155 organizações que estavam lá, eu reconheci uma porção de gente. Um companheiro que
1156 tinha conseguido fugir, que eu sabia, como por companheiros que tinham morrido.
1157 Durante um tempo isso foi suficiente para ganhar tempo, porque o objetivo da tortura
1158 são três, é preciso esclarecer para as pessoas. É tirar informação, como você tira
1159 informação? Vocês viram aí as palavras do Thaumaturgo Vaz, no primeiro momento, no
1160 primeiro impacto, que é desestruturar a pessoa. Depois, desmoralizar a pessoa e colocar
1161 ela num beco sem saída, se ela fala, ela está representando a morte de um companheiro,
1162 se não fala, ela não suporta, e isso é sistemático. Como lá em Belém não tinham equipe
1163 especializada em tortura, colocaram dentro do avião, levaram para Brasília. Eu cheguei
1164 em Brasília e, antes de chegar em Brasília, o terrorista do Estado, a Polícia Federal, que
1165 todos eles são, não admitem, mas são, porque o Estado é um Estado de classe, o maior
1166 Estado de paz sobre a sociedade. É preciso ter clareza disso, então, nessa época eu
1167 pesava 38 quilos, porque eu sou uma pessoa franzina, como o companheiro Zezinho ali.
1168 E, me deu, abriu a cela, pediu que eu me afastasse. Eu afastei, me deu um pontapé na

1169 boca do estômago, cai lá e desmaiei, de tanta violência do cara, aí me arrastei, voltei a
1170 si, me deram algo, colocaram no avião, capuz, avião. Nem sabia por onde era, fiquei
1171 três dias em Carolina do Maranhão, sem saber, porque lá tem campo de aviação, não
1172 sabia o que ia acontecer. Aí, depois cheguei a Brasília, um monte de prisioneiros, me
1173 jogaram. Ah, no avião, o cara me cotovelava na cara e saía sangue para todo lado, e não
1174 deixavam ir no banheiro. Não podia, porque tinha vários presos no avião, que eu nem
1175 sabia quem eram, de outras organizações. Chegaram em Brasília, me empurraram lá de
1176 cima da porta do avião, arrebentei lá em baixo, colocaram eu na caminhonete,
1177 encapuzado. Chegamos num lugar que não sabíamos quem era, chegamos em Brasília,
1178 um companheiro diz assim: “você está no PIC, o Centro Militar de Brasília e aqui do
1179 lado é o centro de tortura, a situação é essa e essa.” Me descreveu o presídio, eu fiquei
1180 um pouco apreensivo, porque eu já não estava aguentando mais a tortura, daí a 10
1181 minutos me tiraram da cela. Me levaram para baixo, quando me jogam numa sala, o
1182 capuz, sobe, eu pude enxergar as botinhas do Fleury, Fleury. Estavam no meio da sala,
1183 aí veio um outro prisioneiro: “conhece esse aí?” “Não.” Também não conhecia, era um
1184 companheiro de longe, de um outro grupamento, eu não sabia quem era, aí arrastaram,
1185 ele dizia assim: “agora você vai conversar com quem sabe conversar, até agora você
1186 conversou com gente que não sabe dialogar, aqui, nós temos um dia, não, eu aumento,
1187 nós não temos todo o dia, não, nós temos um minuto, uma hora.” E, na medida em que
1188 ele ia falando um minuto, uma hora, duas horas, um dia, três dias, um mês, ele ia
1189 aumentando o tom do da voz e aos urros, dizia assim: “aqui você vai falar, aqui você vai
1190 falar.” 20 torturadores dentro de uma sala. Me arrebentaram de pontapé, de cassetete,
1191 choque elétrico, eu já estava com a boca toda furada, eu não alimentava, porque o
1192 choque elétrico te produz um descontrole nervoso, os dentes furam a língua, que você
1193 não fala, o sangue jorrava, o capuz amarrado com copo de óleo que você não respira,
1194 você engolia o sangue e desmaiava. Esse dia desmaiei oito vezes nas torturas que sofri,
1195 de toda a equipe, me tiraram, levaram para a cela, sabe qual a estratégia que eles
1196 montaram? Para desestruturar o prisioneiro? De meia em meia hora eles te tiravam da
1197 cela, às vezes de uma em uma, às vezes de duas em duas, uma hora torturavam, outra
1198 hora colocavam numa mesa, um copo com água e um cafezinho para o prisioneiro e
1199 diziam assim: “mas, você tem que colaborar, nós somos contra a tortura, senão esse
1200 pessoal aí vai te torturar.” Um cinismo total, mas eu conhecia muito bem essas técnicas
1201 de tortura, que eu já tinha estudado sobre isso desde a guerra da Argélia. Então, eles

1202 desestruturavam de toda maneira, até você perder o sentido das coisas, que o
1203 prisioneiro... ele tem um ouvido muito aguçado, muito aguçado. Você ouve, qualquer
1204 coisa que paira no ar, qualquer movimentação você sente e se você tiver uma visão
1205 política, como que é a guerra, como eles se comportam, como ele me comporta, aquilo é
1206 valioso para você, como informação para você se defender. Então, para desestruturar o
1207 preso, aí você não sabe qual hora que vão torturar e qual hora que vai ser torturado.
1208 Uma hora eles servem cafezinho, dialogam com você e querem informação. E essa foi a
1209 primeira, as outras torturas que eu sofri, em relação a essa, era insignificante. A dor no
1210 peito, de explodir, porque eu tinha que me preparar, ideologicamente, cada vez para
1211 enfrentar essa situação, me tiram lá de cima, no outro dia, a mesma coisa, desmaiei
1212 umas duas, três vezes, aí o Bandeira, general Bandeira. Ele tinha um cão pastor e uma
1213 bengala, quando volto em si, o general estava lá, em pé, batendo na minha cabeça com a
1214 bengala: “tem que tirar informação desse cara nem que você tenha que trucidá-lo, eu
1215 quero informação.” Porque eles não tinham informação do que estava lá, não sabiam se
1216 eram 10 organizações, se era uma, a extensão, a dimensão das pessoas. Me levaram para
1217 a cela e não tive tempo de fazer quase nenhuma refeição, chegaram novamente e
1218 interrogatório e interrogatório. As pancadas eram tão grandes que eu fiquei dois meses
1219 sem enxergar absolutamente nada, me torturavam sem capuz, não enxergava, era tudo
1220 um cinza escuro. Não via nada. Fratura na mandíbula, na maxila, 10 dentes eu perdi a
1221 coronhada de fuzil, esse osso da face afundou, estava desfigurado. Quando o general
1222 Bandeira disse que queria as informações e rápido, no outro dia, à tarde e não comia,
1223 como é que você faz para sobreviver? Por isso que eu pesei 37 quilos, os companheiros,
1224 sabendo da barra que eu estava enfrentando, não tomavam café da manhã. Aí deixavam
1225 o pão amolecido, porque eu tinha que tocar na garganta e enfiar com o dedo, senão
1226 morria de fome, não podia comer. Me tiraram 6h da tarde, estava escurecendo. Me
1227 levaram para algum lugar aqui na área militar, em Brasília, que eu não sei identificar,
1228 deve ser a 3ª Brigada, e aí começou. Primeiramente me colocaram em cima de uma
1229 caminhonete, dessas quatro por quatro, e eu ainda estava com a vista totalmente
1230 embaçada. Uma hora eu colocava capuz, mas eles já sabiam que eu não enxergava,
1231 andava com a caminhonete sobre toda velocidade, frejavam e eu caía lá de cima, no
1232 chão. Me arrebatava todo, outra vez, aí, me colocavam na mira de uma arma: “vamos
1233 fuzilar esse bandido.” Os caras se afastaram, metralhadora na mão, eu só vi clarão,
1234 desmaiei. Quando eu voltei a si, eu vi que eram tiros de festim, mas eu não sabia que

1235 eram tiros de festim, teve um impacto emocional assim: “até agora tudo bem.” Me
1236 tiraram dali, me levaram para uma sala, um tamborete de metal, as mãos, os pés
1237 algemados, testículos para fora, pelado. Um cão pastor abocanhava meus testículos e o
1238 cara dava um toque no cachorro e ele puxava, os urros que eu dava na tortura, se você
1239 colocar o ouvido aqui em Brasília, há 40 anos atrás, você vai escutar até hoje, vai
1240 escutar até hoje. Talvez se a Dilma colocasse o ouvido aqui, Lula, ouvissem os gritos e
1241 os gemidos, abriam os arquivos da ditadura, mas não vão fazer isso. Bem, amarraram os
1242 pés no tamborete, para trás e começam a te torturar com choque elétrico. O pé bate ali,
1243 você não tem controle e arrebenta, tortura, choque elétrico, pau de arara, pau de arara,
1244 choque, tortura, sabe onde que eles aplicavam os choques elétricos? Naquelas feridas
1245 que eu tinha no calcanhar, aqui, furado com baioneta para todo lado, metiam o grampo
1246 assim, naquelas feridas, para dar choque elétrico. No nariz, no olho, na língua, nos
1247 testículos. Meus testículos estavam dilacerados, de tanta porrada que eu levei. Os urros
1248 que eu dava tremia. Vocês ficariam horrorizados: “você não quer colaborar.” Eu
1249 pergunto aos senhores: você colaboraria para matar seus companheiros? Hein? Para eles
1250 continuarem assassinando? Quando nós fomos para a luta, na resistência armada, nós
1251 tínhamos o compromisso com os companheiros, de lutar, ou a derrota ou a vitória.
1252 Então, esse processo continuou a noite inteira, chegou um momento que eu comecei a
1253 enlouquecer, disparei a falar, falar, falar, falar. Aí que eles perceberam que era o
1254 momento, lógico, está desestruturado o cara, é o momento, é o momento, tiraram as
1255 algemas, me colocaram lá, copo d’água, um café e eu inventando história, porque eles
1256 diziam: “se você não sabe, inventa.” O tempo todo: “se você não sabe, inventa.” Eu
1257 acho que eu tenho capacidade, eu sei inventar história, eu sei trabalhar psiquicamente as
1258 coisas. Então, fazia minha parte como prisioneiro, de ludibriar o inimigo, até onde
1259 desse, mas, acontece que eu comecei a enlouquecer, me levaram para a cela, eu só tinha
1260 um desejo: morrer. Porque era a saída que eu tinha, eu não tinha outra, eu sabia que ia
1261 continuar, não sabia o que estava acontecendo lá, embora soubesse que já tinha vários
1262 companheiros sido mortos. Porque eu sei, também, não tem informação, por isso que
1263 informação para o prisioneiro é importante para ele também poder se rearticular a cada
1264 momento. Fazer sua preparação ideológica. Então, eu fui para a cela, chegando na cela,
1265 eu só queria morrer, eu dava cabeçada nas grades. Mostrar para vocês como é que
1266 funciona uma cela em Brasília aqui, aqui tem a grade, tem um metro aqui e aqui tem
1267 uma parede, você só fica nessa parte de trás do cubículo, você não vê uma pessoa, nem

1268 ninguém, mas você ouve. Quando eu comecei a dar cabeçada na grade de ferro, dessa
1269 grossura assim, para arrebentar, o companheiro do lado percebeu e começou a gritar
1270 comigo, gritar, gritar e eu disse para ele: “estou enlouquecendo, não aguento mais a
1271 tortura.” Ele falou: “você tem que aguentar, aguenta mais um pouco.” Nesse momento,
1272 esse companheiro era o Paulo Fontelles, depois de ter minha prisão, militante já preso,
1273 que assassinaram, no Pará, depois como advogado de posseiros etc. e tal. Ele tinha sido
1274 muito torturado, mas naquele momento, ele conseguiu dialogar comigo. Quando ele
1275 passou informação para o resto do presídio... Vou pedir um tempo, porque é um
1276 momento muito complicado, é o ser humano, o ser ou não ser, quando você entra num
1277 processo de enlouquecimento. Você não tem mais controle da sua mente, do seu
1278 raciocínio, e esse companheiro... Tinha mais de trezentos presos aqui no PIC de
1279 Brasília. Os companheiros levantaram e começaram (choro), de repente, não é fácil... Os
1280 companheiros começaram a cantar pra mim. Belíssimas canções, canções
1281 revolucionárias (choro), mas, aquele segundo me salvou a vida. Porque me salvou da
1282 loucura, me permitiu recompor as minhas forças. Levantei, subi na cela, e fiz um
1283 vigoroso discurso pela nossa causa! (choro) Que é a causa da emancipação humana.
1284 Aquilo através do qual nós lutamos e deveremos lutar! Para superar o capitalismo que
1285 mata, que tortura, que assassina, mas é como os que vocês estavam ouvindo agora. Os
1286 bombardeios sem fim em cima de uma população que não pode lutar, na Palestina.
1287 Como fizeram no Iraque, na Líbia, na Síria. O capitalismo é um sistema assassino, o
1288 capitalismo está levando a humanidade a sua destruição, por isso que temos que resistir.
1289 Por isso que estamos organizando um partido revolucionário para fazer essa resistência,
1290 aproveitando toda experiência acumulada das lutas na América Latina e no mundo e
1291 vamos fazer o enfrentamento. Possivelmente vamos morrer, possivelmente vão nos
1292 torturar novamente. Mas eu, na minha idade, não vou aguentar mais 10 minutos, não
1293 tem importância, morro pela causa. Bem, vocês acham que terminaram aí? Não. Me
1294 levaram para a OBAN de São Paulo, a mesma atrocidade, estava lá o Fleury. Eu não
1295 vou citar aqui, eu vou ler para vocês, no final, alguns torturadores que a gente
1296 identificou. Quando eu estava preso nas margens do Rio Mucuri, em Belém, para
1297 aterrorizar uma companheira, eu nem sabia quem era, nem sabia se era preso político,
1298 um alto oficial da Marinha me leva a usá-la algemado, me coloca os punhos, assim,
1299 igual alicate, arrebenta dedo por dedo da minha mão, apenas para fazer terror à
1300 companheira que estava presa. Esse é o Estado terrorista da burguesia que continua lá,

1301 que é, continua aí. Pois os organismos de repressão estão intactos e continuam aí
1302 mesmo. Mas, não nos amedronta, e não nos assusta, os companheiros que tombaram, eu
1303 dizia para o companheiro do Rio, quando me jogaram arrebetado dentro da cela, eu
1304 falei: “nós estamos morrendo, eu estou morrendo, mas, muitos estão nascendo para
1305 continuar essa luta.” Que não é uma luta individual, é uma luta coletiva, é uma luta de
1306 classe, essa classe dominante está assassinando no Brasil desde que vieram aqui com 13
1307 caravelas armadas até os dentes, mataram 4 milhões de escravos negros, 6 milhões de
1308 indígenas e eles chamam isso de civilização, nós somos os descobridores, o cinismo
1309 total continua até hoje.

1310 **Pedro Dallari (Comissão Nacional da Verdade)** – Danilo, eu peço licença, mas ainda
1311 temos mais duas companheiras para serem ouvidas e a previsão é que essa audiência
1312 pública se estenda até a uma e meia. Então, eu gostaria que você pudesse apresentar
1313 essa, por sinal muito interessante, que você mencionou, uma lista de torturadores que
1314 você tem, muita utilidade para a comissão se você pudesse, então, concluir com essa
1315 lista que, para nós será muito útil e que, na sequência, nós possamos ouvir a Maria
1316 Eliane de Castro e a Elizabeth Silveira.

1317 **Maria Rita Kehl (Comissão Nacional da Verdade)** – Gostaria assim, se puder
1318 identificar os camponeses que você viu sendo torturado lá, e o nome do que você viu na
1319 caminhonete.

1320 **Danilo Carneiro** – Esse, esse camponês, a princípio, ele morreu em concessões pela
1321 tortura, que é o Sitônio e que já foi identificado e os outros não, porque as outras regiões
1322 eu não conhecia, era uma vasta região. Mas, concluindo, no Rio a mesma coisa, não
1323 sabia aonde estavam chegando, mas como eu sou do Rio, quando vi aquele cheiro,
1324 conheço a minha terra. Desde jovem vivi ali, lá eu fui preso. Na Bahia, no Galeão, na
1325 Barão de Mesquita que é o centro de tortura do DOPS, no DOI, porque eles queriam
1326 conhecer onde era o nosso aparelho lá na Avenida Souto Maior. Chegando ao Rio a
1327 mesma coisa. No Rio é importante citar alguns fatos aqui para vocês verem como que
1328 essa classe dominante...

1329 **Pedro Dallari (Comissão Nacional da Verdade)** – Eu peço que você faça uma
1330 finalização, porque senão as outras companheiras vão ficar prejudicadas no tempo. Nós
1331 poderemos, em outro momento, novamente tomar o seu depoimento. Desculpa, nós
1332 podemos ouvir novamente o seu depoimento, podemos colhê-lo para complementá-lo.

1333 Nós teremos até novembro para fazer esse trabalho. O seu depoimento é muito útil,
1334 muito importante, é que nós não queremos perder esta oportunidade, para ouvir as
1335 pessoas que foram selecionadas e que bem se prepararam para vir aqui apresentar o seu
1336 depoimento.

1337 **Danilo Carneiro** – Tudo bem. Vou só mostrar aqui que eu falei que eles tinham uma
1338 farsa, na 27ª seção, quando apresentei meu requerimento, na 63ª, foi julgado, foi
1339 aprovado. O ministro farsante da justiça daquela época, Tarso Genro, mesmo eu
1340 dizendo que era ilegal, porque eles cumpriram o que estava determinado pela comissão,
1341 meteu a “caneta”, só vou mostrar para vocês que é uma farsa, impetrei mandato de
1342 segurança contra o ministro. A Eliana Calmon, hoje aposentada, candidata a senadora
1343 da Bahia, foi e jogou na lata do lixo o meu mandato de segurança contra o ministro,
1344 sabe para onde ela me mandou? Para uma ação ordinária, sabe quando foi julgada?
1345 Nunca, nem daqui a 50 anos, essa é a farsa do Estado que está aí.

1346 **Pedro Dallari (Comissão Nacional da Verdade)** – Pois não, Danilo.

1347 **Danilo Carneiro** – Vou ler. Isso aqui é apenas uma parte dos torturadores, que eu cito
1348 aqui num relatório que eu entrei com uma ação na justiça, 20 anos, não julgam, nunca
1349 andam com a ação. Você sabe o que disse uma procuradora nesse processo? Que eu
1350 estava querendo enriquecer à custa do Estado, da burguesia. Eu gastei mais de 3 milhões
1351 do meu bolso em mais de 30 cirurgias que eu fiz, no rabo, intestino, no pênis, na boca,
1352 nos olhos, dez cirurgias na vista, transplante de ossos, fiz um monte, entendeu? Gastei
1353 isso e essa madame ou esse donzelo disse que eu estava querendo enriquecer à custa do
1354 Estado da burguesia. Nunca gastei um centavo para cuidar da minha saúde,
1355 companheiros e amigos que foram solidários comigo. Essa é a parte final que eu
1356 apresentei, agradecer ao *Tortura Nunca Mais*, no Rio de Janeiro, que eu tenho que me
1357 proporcionar atendimento e assistência médica, através do projeto para as vítimas de
1358 tortura. Me acolheram lá no Rio durante anos, para que eu pudesse fazer o tratamento,
1359 para as clínicas psiquiátricas, entendeu? Internei por várias vezes. Concluo esse relato,
1360 deixando aqui registrado nome e patente de todos aqueles que participaram diretamente,
1361 dentre os quais me foi possível identificar, do covarde e atroz crime de tortura, em nome
1362 da Segurança Nacional, com um prisioneiro indefeso ou que jamais cometera qualquer
1363 crime a não ser defender os trabalhadores e o povo brasileiro. Antônio Bandeira, general
1364 do Exército, como coronel de Infantaria, serviu no Recife na época do Golpe de 64,

1365 chefiou a censura federal, comandou a repressão no Araguaia, como comandante do
1366 terceiro DI, 71, 73, comandou o 3º Exército, depois foi para a reserva. Recebeu
1367 Medalha do Pacificador, como Caxias, “o grande pacificador”, com a espada e ele
1368 simulou aí os movimentos populares no Brasil; Antônio Carlos Vasconcelos, II sargento
1369 do Exército, em janeiro de 69, foi transferido para o MPE Brasília, sendo que em 71
1370 atuava no PIC; Sérgio Fernando Paranhos Fleury, delegado de Polícia Civil, era do
1371 Esquadrão da Morte, conhecido como “comandante Barros”, pertencia ao esquadrão de
1372 São Paulo; Harry Egon Prass, segundo sargento do Exército, serviu no PIC Brasília;
1373 Jamiro Francisco de Paula, aquele que vocês viram a fotografia aí, só um detalhe, eu
1374 coloquei uma toalhinha, que uma companheira me mandou, para mim e para os
1375 companheiros lá, no canto da sala, eu coloquei a muleta: “tira essa muleta daí.” Aí fui
1376 tirar, ele abriu a cela, me algemou, me espancou até eu desmaiar. Um simples sargento.
1377 Porque eu coloquei uma toalhinha ali, para vocês verem o nível de barbaridade.
1378 Joaquim Calegário Filho, cabo do Exército, serviu no PIC e na BPE, recebeu Medalha
1379 do Pacificador; Joel Rodrigues de Vasconcelos, coronel da Infantaria do Exército,
1380 comandou o BPE Brasília até dezembro de 78, recebeu Medalha do Pacificador; Luís
1381 Henrique Nazareno, cabo do Exército, serviu no PIC Brasília, esse aqui era um
1382 criminoso, assassinou várias pessoas aqui em Brasília, ele era do S2, Serviço de
1383 Informação; “Martins”, cabo do Exército, serviu no PIC e no BPE; Olavo Vianna
1384 Moog, general de Divisão, tempo que serviu aí, 64, serviu no BPE, foi secretário de
1385 Segurança Pública de São Paulo, um dos organizadores do Esquadrão da Morte, em 27
1386 de dezembro de 1971 foi nomeado comandante militar do Planalto, comandando a
1387 repressão à Guerrilha do Araguaia, recebeu Medalha do Pacificador; Oswaldo Puglia,
1388 tenente-coronel do Exército, comandou o BPE Brasília a partir de dezembro de 72,
1389 recebeu Medalha do Pacificador; Otto Denis Gomes Porto, major de Infantaria do
1390 Exército, comandou o PIC do BPE Brasília; “sargento Ribeiro” do Exército, Brasília
1391 70/72; Sebastião Rodrigues de Moura, capitão de Infantaria do Exército, serviu no Rio
1392 de Janeiro 70, em dezembro de 72 foi transferido para o Comando Militar do Planalto,
1393 atuou no SNI e na repressão à Guerrilha, ganhou Medalha do Pacificador; Thaumaturgo
1394 Sotero Vaz, major da Infantaria do Exército, era paraquedista, possuía curso de
1395 guerrilha na selva, na Zona do Canal, formado pela *School High States of America, The*
1396 *Army Commendation Medal*, participou da repressão à Guerrilha do Araguaia; “cabo
1397 Torrezan”, cabo do Exército Civil, BPE Brasília; Túlio Pinaud Madruga, capitão do

1398 Quadro de Material Bélico do Exército, serviu no PIC Brasília, conhecido como
1399 “Meirelles”. Todos eles estavam [*trecho incompreensível*], era meio clássico, não vou
1400 me alongar, respeitar aí a decisão do pessoal. Obrigado.

1401 **00092_001866_2014_60 1 – 2 – 4 – Elizabeth Silveira e Silva**

1402 **Pedro Dallari (comissão Nacional da Verdade)** – Pois não, Elizabeth, o microfone é
1403 seu para que você faça então, o registro que julgue importante para ciência de todos nós.

1404 **Elizabeth Silveira e Silva** – Boa tarde a todos, eu sou irmão de desaparecido político,
1405 Luiz René Silveira e Silva. Obviamente não vou me ater aqui a falar sobre o
1406 desaparecimento dele. Porque primeiro que pouca coisa eu sei a respeito, e ainda
1407 aguardo que o Estado me responda o que aconteceu com ele realmente. E segundo
1408 porque eu estou aqui mais para falar sobre a questão da luta dos familiares nestes 40
1409 anos de busca. Esta busca, e o que ela representa e como ela tem sido levada por nós
1410 todos familiares e entidades de direitos humanos, que, ao longo deste processo, vem
1411 levando esta luta. Até por que, é bom caracterizar um pouco que esta ditadura que se
1412 inicia em 64, além dela cometer estes crimes bárbaros todos, que a gente já sabe, pelo
1413 menos, todas as pessoas que estão aqui nesta sala tem conhecimento deles, não é
1414 mistério para ninguém. Acho que nem todos os brasileiros sabem, mas os que estão aqui
1415 com certeza sabem da crueldade que foi esta ditadura, absurda nos crimes que ela
1416 cometeu. E aí nós vimos o depoimento da Criméia e do Danilo para ativar um pouco
1417 mais nossa memória e, obviamente, nos fazer sofrer um pouco mais também. Mas, além
1418 disso, ela instaura um procedimento que é o desaparecimento forçado. Que é um
1419 procedimento que não aparece na ditadura anterior, na ditadura Vargas, e que é
1420 exportado desta ditadura brasileira para as ditaduras na América Latina. E este é um
1421 crime continuado, significa dizer que não tem anistia para eles. O Estado brasileiro e
1422 nenhum destes torturadores que foram citados aqui, que foram mostrados aqui. E outros
1423 tantos que a gente ainda não identificou, não são anistiados. Porque este crime perdura,
1424 nós ainda estamos aqui depois de 40 anos querendo saber, temos as mesmas perguntas
1425 de quando nós iniciamos este processo. E nós iniciamos organizadamente, a partir dos
1426 Comitês Brasileiros pela Anistia. A busca das famílias é individualmente elas têm,
1427 tiveram caminhos diferentes, até porque algumas famílias... Pois não.

1428 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – A interpretação, a meu ver, é
1429 que é crime permanente, não crime continuado, porque é mais forte ainda.

1430 **Elizabeth Silveira e Silva** – Sim, concordo, eu aceito, obrigada, mas voltando, as
1431 famílias elas iniciaram, obviamente de forma diferente, porque cada uma delas tinha
1432 uma informação ou não tinha nenhuma. Este que era o mais importante. Porque é
1433 diferente, quando um militante político era preso, e que se sabia e se tinha notícia da
1434 prisão dele, porque deveria ter tido encontro com um ponto, alguém, com alguém, e que
1435 não aparece. E que aí você já tem todo um esquema de que se não apareceu, não
1436 apareceu um segundo, provavelmente foi preso, obviamente que as famílias se
1437 mobilizavam, a família se mobilizava para procurar os procedimentos jurídicos que ela
1438 podia ter neste momento com ajuda dos advogados. E aí a gente teve inúmeros
1439 advogados que trabalharam neste sentido, muitos, muitos mesmo, e que ajudaram a tirar
1440 muita gente da cadeia, diminuiu o sofrimento de muita gente. E muitos casos até
1441 impedir a morte de desaparecimentos de muitos. Mas, no caso de desaparecimento de
1442 preso político, cria uma situação muito complicada. E no caso do Araguaia então que é
1443 mais característico porque estas pessoas estavam em uma região, estavam longe. Elas
1444 não estavam em contato direto com seus familiares como estariam, por exemplo, na
1445 cidade, não era assim. Então você tinha um contato muito esporádico através de cartas,
1446 que demoravam para chegar. E que você sabia que as pessoas, não sabiam onde elas se
1447 encontravam, porque acho que ninguém sabia, a não ser que fossem as pessoas muito
1448 militantes de direção que sabiam onde eles se encontravam, mas os familiares de modo
1449 geral não sabiam, sabiam que estavam em algum lugar fazendo uma atividade política.
1450 Muitos familiares sabiam disso, alguns, outros familiares sequer, isso sabiam, não
1451 sabiam nem da militância dos seus filhos, irmãos *etc.* Não tinha nem conhecimento de
1452 que ele estaria militando politicamente em algum lugar. Então, em um primeiro
1453 momento de falta de informação, e mesmo que tivesse saído uma reportagem na *Folha*
1454 *de São Paulo*, já levantando a questão que tinha o movimento no Araguaia, que teria se
1455 descoberto, e que depois logo é abafado porque nós vivíamos ainda em um período, 73,
1456 74, este período ainda estava vendo a ditadura e a imprensa ainda estava sob censura.
1457 Então, neste período as famílias não se mexiam, elas não se mexiam com medo de que,
1458 ao começar a procurar, elas levantassem alguma suspeita de que estes companheiros
1459 estariam fazendo políticas, estariam participando de algo em algum lugar. Então,
1460 durante determinado período, as famílias se fecharam, isso é tão cruel, é tão cruel,
1461 porque te dá, inclusive, uma sensação não digo de culpa, mas uma coisa, um sentimento
1462 de que deveria ter feito logo algo. De alguma maneira, você se penitencia um pouco de

1463 não ter iniciado este processo antes, que talvez pudesse no sentimento das famílias
1464 talvez tivesse protegido, teria conseguido buscar. Isso era o discurso das mães e dos pais
1465 que eram, obviamente que esta busca de filhos é algo que todo mundo que é pai e mãe
1466 sabe o que é isso, é um sentimento que está acima de ideologia, qualquer coisa.
1467 Primeiro eu acho que tem a sensação de que você pode salvar, entre aspas, vai proteger.
1468 O seu filho pode estar velho, mas você sempre acha que você tem a capacidade de
1469 alguma maneira de protegê-lo e que, e esta, se tivesse podido buscá-lo logo poderia ter
1470 evitado esta, vamos dizer assim, esta desgraceira toda que foi. Mas o que também é uma
1471 ingenuidade, um romantismo nosso de achar, de acharmos que poderíamos ter feito,
1472 porque se tivéssemos ido para região também teríamos desaparecido também como eles.
1473 Isso é o romantismo do sentimental, do sentimentalismo, desta coisa que a gente na
1474 realidade tem a emoção. Quando a gente para pra pensar direito a gente vê que não é
1475 este processo. Demoramos para começar isso, e só vamos iniciar este processo de uma
1476 forma mais organizadas quando começam a se formar o Comitê Brasileiro pela Anistia.

1477 **Maria Rita Kehl (Comissão Nacional da Verdade) – Elizabeth.**

1478 **Elizabeth Silveira e Silva – Oi.**

1479 **Maria Rita Kehl (Comissão Nacional da Verdade) – Só dizer o nome do seu irmão**
1480 **da Guerrilha, você disse o nome dele de família, não estou localizando.**

1481 **Elizabeth Silveira e Silva – Duda, é um bem novinho. Ele tinha 19 anos, era estudante**
1482 **de Medicina, segundo ano de Medicina, não era para ser preso, ele foi mesmo, foi**
1483 **porque acreditou que era para ir. Voltando. Então, no Comitê Brasileiro de Anistia, é**
1484 **que nós começamos a encontrar os familiares e se organizar, inclusive, e depois em 79**
1485 **quando sai a anistia e que muitos militantes do PCdoB saem da clandestinidade,**
1486 **aparecem, vamos dizer assim, sobraram do massacre todo, que foi da direção do**
1487 **PCdoB. Os poucos que sobraram eles nos contataram, então confirmaram a presença**
1488 **destes rapazes, destas moças nesta região. Então é aí que a gente tem, alguma coisa mais**
1489 **concreta de que, onde é que estava, o meu filho estava onde, é ali, ali atuando com este**
1490 **nome, a gente descobre os codinomes que eles estão usando e se organiza uma primeira**
1491 **caravana ao Araguaia em 1980. Esta caravana ainda saía da ditadura, aliás, dentro da**
1492 **ditadura que ela acaba em 85. Mas já se fala em anistia, mas ainda sobre a pressão da**
1493 **repressão sobre este grupo de familiares que vai à região com apoio dos Comitês**
1494 **Brasileiros pela Anistia, com apoio da OAB Federal, e com apoio da igreja e de**

1495 diversos parlamentares de vários Estados e a imprensa também. E esta caravana, eu
1496 caracterizo como a época e o momento em todo este processo até hoje, até chegada
1497 hoje. Onde a gente encontra as informações que nos embasaram, inclusive, tanto para o
1498 processo interno aqui que leva ao processo internacional da OEA. Quer dizer, estas
1499 informações com depois o depoimento dos companheiros que sobreviveram, como o
1500 Danilo, a Criméia, quer dizer, atestando, testemunhando a presença do nosso
1501 companheiro também, o Zezinho, atestando a presença destes militantes na região,
1502 fazendo este trabalho e que desaparece, que não se tem notícia, de prisão, nada disso.
1503 Então você tem uma coisa concreta para apresentar, é neste e como depoimento dos
1504 moradores. Porque como se faziam poucos anos de que, os acontecimentos da
1505 Guerrilha, e a repressão à Guerrilha, tinham acontecido na região esta memória ainda
1506 estava muito viva e estes moradores ainda estavam vivos e agora não acontece mais.
1507 Então neste momento, apesar deles estarem intimidados, e por que não tinha
1508 contingente de mães grande, de mães grandes na caravana. O que dá um respaldo muito
1509 grande. Falar com mãe é muito diferente do que falar com autoridade, do que com
1510 qualquer outra pessoa, então estas pessoas se sensibilizavam a falar com as mães, e para
1511 as mães elas contavam os fatos de do que eles faziam, de como eles foram presos,
1512 enfim, contaram o que a gente tem hoje de substancial. Tudo que a gente tem de
1513 importante da Guerrilha é o que está ali ainda, porque depois de todas as Guerrilhas,
1514 depois as outras idas não trazem, esta mesma informação de uma forma tão mais clara,
1515 tão mais elaborada, como naquele momento a gente encontra, apesar de ser informações
1516 poucas e não informação do Estado. São informações dos moradores. Estas informações
1517 servem então, para que se inicie o processo contra o Estado brasileiro no sentido de
1518 obter o esclarecimento daquelas pessoas. O que tinha acontecido com elas, se fosse
1519 presas onde estariam presas, se mortas onde enterradas e etc. Este processo ficou anos
1520 parado, anos, a justiça simplesmente não fez nada e levou algumas vezes, depois volta e
1521 recurso. Enfim, é um processo se eu não sei dizer todos os fatos, porque é muito
1522 demorado. E em 91, em outra caravana, também se consegue dados também mais
1523 importantes que foi exatamente a descoberta de duas ossadas que é uma da Maria Lúcia,
1524 que depois leva cinco anos para ser identificada, que é tudo. O que eu gostaria de passar
1525 para os senhores aqui é o seguinte, é este sentimento que nos move, da demora de tudo,
1526 da dificuldade de tudo, é tudo tão longo. Outro dia, agora mesmo, hoje, eu estava vendo
1527 as fotos que a Iara trouxe, só um adendo assim, de um encontro que nós tivemos com

1528 ministro José Dirceu, quando da sentença interna, quando houve o recurso pela união da
1529 sentença que a gente procurou um bando de gente aqui. E eu olhando as fotos, a gente
1530 estava rindo de ver como a gente era mais moço na época, descobrir como os anos
1531 passam, e nós continuamos na mesma aflição, que é aflição de não ter uma resposta
1532 oficial do Estado do que aconteceu com estas pessoas. Com estes militantes políticos. E
1533 gostaria, não vou me alongar muito, e gostaria de colocar outra situação, é uma das
1534 consequências da demora destas respostas para os familiares é o quanto de
1535 contrainformação se foi produzida neste período, no sentido de desqualificar a luta
1536 destes companheiros, e desqualificar a luta dos familiares. Porque as informações são as
1537 mais absurdas possíveis. E são de uma crueldade muito grande. Não só isso que você
1538 via em diversas reportagens de jornais. Em um jornal, um morreu assim, cortou a
1539 cabeça, outro as mãos. Enfim, são tantas as informações que você se defronta, assim,
1540 sem preparo, de repente você abre, passa na banca de jornal e tem uma reportagem de
1541 uma revista *Isto É*, ou *Época* ou de um jornal com revelações, que você nunca teve estas
1542 revelações. Alguém que tem posse de documentos, e documentos apresenta nas fotos, os
1543 documentos são documentos do Estado, são documentos das Forças Armadas, estão em
1544 poder de outros e que usam estes documentos para realizar reportagens, publicar livros.
1545 E você que é o principal interessado nessas revelações é praticamente o último a saber.
1546 E o que é o mais importante, nem todas, a maioria destas informações não tem
1547 fundamento, não tem uma fonte, não é revelado a fonte para que você possa confiar
1548 nestas informações. E aí eu vou citar uma situação vivida por mim, que eu considero da
1549 maior crueldade que deveriam ter feito com um familiar, além do fato de nunca ter
1550 revelado como estes desaparecimentos ocorreram, como estas pessoas foram presas,
1551 quando, como, quem prendeu, onde estão enterradas, enfim. Além disso, tudo não ser
1552 revelado é o fato de notícias que saem em jornal dizendo que alguns guerrilheiros,
1553 alguns militantes, saíram vivos da Guerrilha, receberam documentos falsos e que foram
1554 trabalhar e órgãos do governo. Como dizem que três guerrilheiros, o Hélio Navarro, o
1555 Antônio de Pádua e o meu irmão, Luiz Renê Silva. Foi dito pelo jornalista, eu estou
1556 falando primeiro, a primeira notícia que se tem a primeira notícia deste tipo que é
1557 colocada na mídia. São estes três guerrilheiros, este artigo foi publicado no jornal *Folha*
1558 *de São Paulo* em julho de 2007. Eu não me lembro exatamente o dia, 26, sei lá, tem até
1559 o artigo dele, Hugo Studart, e rebatendo informações que foi publicada no jornal *Estado*
1560 *de São Paulo*, em uma reportagem.

1561 **José Carlos Dias (Comissão Nacional da Verdade)** – Quem era o autor do artigo?

1562 **Elizabeth Silveira e Silva** – Hugo Studart. Que foi, inclusive, que eu acho que isso é
1563 mais grave, muito mais grave. Eu nem gostaria de falar que isso foi duvidoso, ele foi
1564 ouvidor do GTA, isso é uma coisa absurda. Como é que alguém que faz alguma coisa
1565 deste tipo pode ser ouvidor de um grupo de trabalho que busca informação sobre
1566 desaparecido, quer dizer, você está colocando a raposa no galinheiro, está colocando ele
1567 lá para quê? Para produzir contrainformação é isso, é isso que eu vou ter depois de 40
1568 anos? Eu acho sinceramente, eu me sinto assim aviltada com isso. É um aviltamento já
1569 falei com vários companheiros da Comissão aqui. A Rosa sabe disso, eu já falei com
1570 ela, sei sua posição perfeitamente e é por isso também que hoje eu aceitei vir aqui. E é
1571 por isso que estou vindo aqui hoje, exatamente por isso que eu acho que estas coisas
1572 precisam ser ditas, se esta Comissão Nacional da Verdade que não é de justiça, que é de
1573 verdade e memória, a gente tem que contar a verdade e tem que produzir uma memória
1574 que é a memória correta. Porque, o que me indigna, eu fico muito, muito preocupada
1575 com que tipo de memória a gente vai produzir neste país se todas estas informações que
1576 estão sendo dadas assim, fielmente desta forma no sentido de deliberadamente são
1577 contrainformações. Se estas não são desmentidas publicamente, não veio ninguém em
1578 nenhum momento, que aquelas informações que foram dadas pelo Hugo Studart, não
1579 tinham cabimento, não tinha absolutamente nenhuma possibilidade daquilo estar, como
1580 que eu vou dizer, ser passível de ser dita, que era absolutamente caluniosa. Porque a
1581 primeira vez que eu ouvi que o meu irmão, eu estou falando agora pelo irmão porque,
1582 vamos dizer assim, são as informações que eu acompanho mais de perto. De que ele
1583 teria saído vivo da Guerrilha e teria de posse de documentos falsos e que teria ido
1584 trabalhar no Mato Grosso, se eu não me engano. Diziam até o local de Mato Grosso. E
1585 que jamais tivesse procurando a família. Ele tinha a família, ele tem uma família, tem
1586 irmãos, não sou eu só, na época ele tinha a minha mãe ainda viva, e ele não saiu de casa,
1587 brigado com ninguém, ele era um filho amado, um irmão querido. Tanto querido que eu
1588 estou até hoje, buscando informações dele. Então é inadmissível que ele não estivesse
1589 procurado por mais que ele tivesse medo, tivesse, como disse minha mãe, ficou sem
1590 memória, está perdido por aí. Todas estas fantasias todas ela tinha, de falta de memória,
1591 eu ouvi várias histórias deste tipo. Todo mundo ficou desmemoriado e perdido para elas
1592 e que por um dia elas podiam achar. É o esperado, até eu, eu acho que eu ia pensar
1593 nisso. Então isso não é verdade, esta afirmação nunca foi apresentada. Quem é a fonte?

1594 Quem disse isso? Surgiu como? Cadê esta fonte? Então é esta preocupação que eu tenho
1595 e este processo todo nosso é para mostrar para sociedade civil que não só as mortes, as
1596 torturas foram tão cruéis que, o depois é cruel. “O querer encobrir” esta história. Porque
1597 a própria figura do desaparecido político no sentido do total esquecimento é de
1598 apagarem todas as histórias dele, de se apagar todos os vestígios que levaram a este
1599 massacre, que isso nunca exista, que nunca tenha acontecido este episódio na vida
1600 brasileira. Mas, esquecemos que esse procedimento ainda exige, na medida em que o
1601 tempo de espera para esta história possibilita que você tenha a produção de todas estas
1602 informações, que são informações sem fonte, informações sem um trabalho aprimorado,
1603 para você poder bater estas informações sem certeza que ela tem. Porque estes que
1604 cometeram estas barbaridades, vocês viram aí, hoje nas falas deles. Eles se vangloriam
1605 do que fizeram, não tem arrependimento. Não existe esta coisa, não existe sequer a
1606 vergonha de ter feito o que fez. Por que dizer para mim que houve combate, combate
1607 como, gente? Se aqui mesmo foi dito pelo próprio companheiro da Comissão, que
1608 foram 70 mortos de um lado e oito do outro. Isso aí parece essa coisa e Israel e
1609 Palestina, que guerra é esta, mil e tantos de outro e oito soldadinho do outro lado, isso é
1610 massacre, isso é massacre. Então, não vem me dizer que é crime de guerra porque não
1611 teve crime de guerra, não era guerra. A desproporção era tão grande que não existe esta
1612 possibilidade.

1613 **Maria Rita Kehl (Comissão Nacional da Verdade)** – E nem chegou a haver
1614 Guerrilha, Guerrilha não tinha começado.

1615 **Elizabeth Silveira e Silva** – Lógico, evidente, e você ver eles se colocando, a maneira
1616 como ele se coloca, hoje, foram depoimentos que foram colhidos o quê? Ano passado,
1617 este ano, dois anos atrás, estes que a gente viu hoje que deixa a gente chocado, com a
1618 capacidade... Esta crueldade, a forma como eles se reportam, o que eles fizeram no
1619 passado. Então, estas pessoas... elas não tem o menor escrúpulo de inventar toda sorte
1620 de mentira e sordidez para poder confundir mais ainda a busca pela verdade que nós e
1621 que, inclusive, a Comissão e que todos o que se empenhá-lo em fazê-lo, estão aí, porque
1622 eles produzem toda forma de dificuldade para que a gente possa chegar a esta
1623 conclusão, a estas informações. Nós, neste processo todo, nós chegamos a Corte
1624 Interamericana, tivemos uma vitória, se é que a gente pode considerar vitória, porque
1625 nós conseguimos uma sentença que condena o Brasil há uma série de procedimentos,
1626 um deles é isso. Revelar a verdade. Desconsidera a Lei de Anistia porque afirma que

1627 Lei de Anistia nenhuma é empecilho para que se julgue os violadores de direitos
1628 humanos, esta que é a verdade, até porque é uma auto anistia ela foi feita no período
1629 para isso e por eles mesmo. Então, não reconhece isso e nós estamos aqui e vamos
1630 continuar neste processo. No processo de busca da verdade para construir na memória
1631 deste país e fundamentalmente, para responsabilizar estas pessoas que cometeram estes
1632 crimes de violação gravíssimos de direitos humanos, e que continuam cometendo. Até
1633 porque nós vimos aí na descrição no currículo do Sotero, como é o nome dele?
1634 Thaumaturgo Sotero Vaz, como o professor é um cara que é instrutor. Instrutor é uma
1635 coisa muito séria que é quem treina o outro para uma prática abusiva. Para uma prática
1636 de desrespeito aos direitos humanos. Então se eu busco nunca mais, eu não estou aqui
1637 só para saber a verdade do meu irmão porque a verdade do meu irmão é um processo
1638 que inclui a verdade de muitas coisas. A minha militância neste campo é que isso não
1639 repita. Eu tenho uma filha, eu tenho sobrinhos, eu sou professora de centenas de alunos,
1640 eu não posso permitir estas pessoas passem por aquilo que nós passamos, porque é
1641 muito triste. Eu não sou vítima, agora eu me considero uma sobrevivente, agora
1642 profundamente indignada. É isso que eu sou. E tomara que eu continue sendo, porque
1643 esta minha indignação é que me dá esta coisa de continuar buscando a verdade, por mais
1644 que a gente em alguns momentos fique tão, vamos dizer assim, meio descrente. Como
1645 eu acho que pouca coisa a Comissão vai fazer, porque, obviamente, ela não tem poder
1646 de justiça. Mas pelo menos, nos dizer a verdade, e faça com que a gente possa ter uma
1647 memória verdadeira destes acontecimentos.